

Ilustração



4.º ANO
NÚMERO 94

Lisboa, 16 de Novembro de 1929

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

PREÇO
4\$00

W
a
t
e
r
m
a
n

Exigi sempre a

Caneta
(Ideal)
Waterman



A caneta que goza de maior
reputação no mundo inteiro

Agencia. 44 Rua dos Fanqueiros, Lisboa

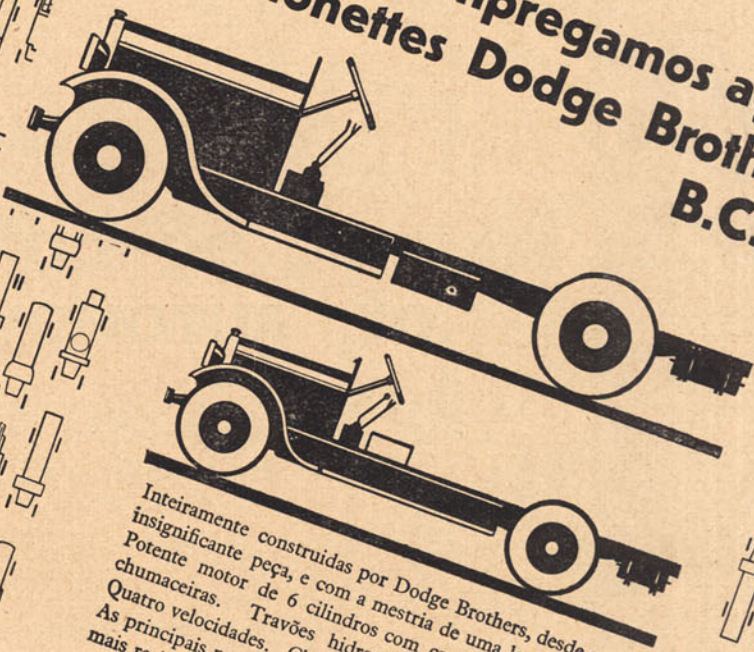
W
a
t
e
r
m
a
n

“VALET”
Auto Stop
Safety Razor



Maxima
duracão,
rendimento e economia

"Nós empregamos agora 18 Camionettes Dodge Brothers" B.C.S.



Inteiramente construídas por Dodge Brothers, desde a mais insignificante peça, e com a mestria de uma longa practica. Potente motor de 6 cilindros com cambota apoiada em 7 chumaceiras. Travões hidraulicos, internos, às 4 rodas. Quatro velocidades. Chassis reforçado de aço temperado. As principais peças são todas de aço cromo vanadio, 3 vezes mais resistente do que o aço ordinario.

As camionettes DODGE BROTHERS, antigamente conhecidas por GRAHAM BROTHERS, são construídas para capacidades varias, respondendo a 95% das necessidades em transportes mecanicos. Numerosos modelos de carrosserie—um tipo para cada espediade.

Pedir todas as informações aos representantes de Dodge Brothers. Eles vos mostrarão uma camionette que vos dará os melhores resultados com um minimo de despeza.

CAMIONETTES DODGE BROTHERS

BERNARDINO CORREA & CIA, 3 AV. DA LIBERDADE, LISBOA
DODGE BROTHERS' TRUCKS, DIVISION OF CHRYSLER MOTORS, DETROIT, MICHIGAN

OFERECEMOS
GRATUITAMENTE



EMYPHONE

à escolha do premiado

1.000 FONOGRAFOS

OU

1.000 APARATOS

DE

T. S. F.

a título de propaganda aos mil
primeiro leitores da

“ILUSTRAÇÃO”

que tenham encontrado a solução exacta do
enigma abaixo e que se conformem com as
nossas condições

É preciso substituir os pontos pelas letras que
faltam e encontram 3 grandes cidades de
Portugal

L. S. O. P. R. O

C. I. B. A

Enviar este anúncio preenchido aos

ESTABELECIMENTOS

EMYPHONE

SERVICIO N.º 10. 17.A

17, Rue Sedaine, Paris

(FRANCIA)

Juntar na carta um envelope contendo muito
legivelmente o seu nome e morada

NOTA: A correspondência para o estrangeiro
por um selo de 150 Esc.

LEIAM O

**MAGAZINE
BERTRAND**

**SAIU O NÚMERO
DE NOVEMBRO**

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

Única colecção do género existente em língua portuguesa,
e tão proficientemente organizada como as melhores que
existem no estrangeiro, ela abrange tôdas as artes e ofi-
cios. O seu último volume posto à venda é o

MANUAL DO CONDUTOR DE AUTOMOVEIS

Nova edição, ainda com mais gravuras do que a primeira,
e versando já os mais modernos aperfeiçoamentos
introduzidos na indústria automobilista

— ■ —

Livro escrito por uma autoridade no assunto e que muito
se avanta, na soma dos conhecimentos e na cla-
reza da sua exposição, a todos os congéneres
até agora publicados

— ■ —

Mais de 600 páginas e perto de 700 gravuras

OUTROS VOLUMES RECENTES:

FÍSICA ELEMENTAR

pelo cap. VALDEZ BANDEIRA e segundo o programa
das Escolas Industriais

ELEMENTOS DE HISTÓRIA DA ARTE

de que é autor o ilustre prof. e pintor J. RIBEIRO CRISTINO
DA SILVA

Um volume de 710 páginas, com 641 gravuras
encadernado em percalina, 40\$00

Dirigir pedidos às LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



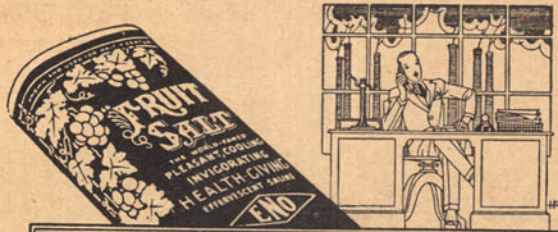
O pó de arroz
ETOILE NOIRE
de
GELLÉ FRÈRES
PARIS
dá á pele uma beleza e uma
frescura incomparáveis.

De finissima qualidade, quasi imperceptivel, não
mascara e deixa na pele o seu perfume unico,
persistente e cativante.

Experimentá-lo é preferi-lo para sempre!
Experimente-o, minha Senhora.

A venda em todas as boas Casas

AGENTES GERAIS STETTEN & C. Lda 119, RUA DA MADALENA LISBOA



*A vida é um jogo em que a saúde
é o trunfo.*

Da saúde depende a nossa energia, o nosso bom humor e bom exito, não havendo saúde perfeita sem o bom funcionamento do aparelho digestivo. Para o conseguir não ha como tomar diariamente ENO's "Fruit Salt" preparação salina e fervescente, idealmente pura. ENO é o reparador familiar, por excelencia, dos inconvenientes das más digestões; laxativo muito suave, mantém as condições de limpeza e regularidade necessarias á boa saúde.

*Uma colher das de café num
copo d'agua, de manhã e á noite.*

Depositarios em Portugal:
ROBINSON, BARDSLEY & Co. Ltd.
8, Caes do Sodré, Lisboa.

As palavras "Fruit Salt" - "Sal de Fructa" e ENO, assim como o retulo, são marcas da fabrica registada.

RAINHA DA HUNGRIA

OS MELHORES PRODUCTOS
PARA OS CUIDADOS DA PELE

**ACADEMIA SCIENTIFICA
DE BELEZA**

Directora: *MADAME CAMPOS*

Avenida, 35 - Telefone Norte 3641 - LISBOA



"A venda em todas as farmacias, em frascos grandes e pequenos."

ALMANACH 31.º ANO -- 1930

**UNICO NO SEU GENERO
EM PORTUGAL** **BERTRAND**

A mais antiga e maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa

RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

Passatempo e Enciclopedia de conhecimentos úteis, colaboração astronomica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Um grosso volume de 400 páginas, cartonado . **10\$00**

Encadernado luxuosamente. **18\$00**

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND — 73, Rua Garrett. 75 — LISBOA

PARA OS LÁBIOS...

Uma alta novidade: o actual «baton» MARQUITTA de «NALLY», que se fixa longamente nos lábios, passa a custar nos mesmos tubos de alumínio, em vez de 3\$00 como até aqui, sómente 2\$50

O mesmo «baton» MARQUITTA, num moderno estojo metálico, de luxo, com movimento, dourado ou niquelado 4\$00

Desta forma pode a mulher portuguesa adquirir o mais belo produto de beleza que actualmente se vende para os lábios, em qualquer dos tons da moda, acondicionado com luxos e a preços baratíssimos.

Quando esteja gasto o «baton» (já de si de grande rendimento) continuam os estojos metálicos de luxo a servir ainda por longo tempo, carregando-os novamente com os «batons» de recarga, que se vendem avulso a 1\$20

PARA OS OLHOS...

CRAYON «noir» de MARQUITTA de NALLY, para beleza dos olhos, dando a impressão de que são maiores, mais brilhantes e mais rasgados:

Em estojo metálico de luxo..... 4\$00
«Crayons» de recarga avulso para os mesmos estojos 1\$20

ATENÇÃO:— OS ESTOJOS METÁLICOS DE «BATONS» E «CRAYONS» LEVAM GRAVADAS AS PALAVRAS MARQUITTA-NALLY NO TOPO EM LUGAR DO SELO DE GARANTIA.

SECÇÃO DE PERFUMARIA DA EVA

Largo Trindade Coelho, 10

PÈTROLE CHIMIQUE DE NALLY

(A base de pétrole neutre, acetone, quinquina, cantharide ete ac salyc)

E' um composto da sciencia moderna, inofensivo e inteiramente diferente dos seus similares. Productu energico e potente, comunica aos cabelos uma forte vitalidade, impedindo totalmente a sua queda e a formação da caspa. Delicadamente perfumado, usa-se como qualquer loção deste genero.

PREÇO 20\$00

PEDIDOS A

Secção de perfumaria da EVA

L. Trindade Coelho, 10

Nenhuma criança portuguesa deve deixar de lér A VIAGEM MARAVILHOSA por

NORBERTO LOPES

«O que eu quero dizer na minha é que A VIAGEM MARAVILHOSA é uma grande obra que a gente grande deve dar a lér á gente meuda, certa de que lhe proporciona boa literatura e portuguesa».

JOAQUIM LEITÃO
(Do *Diario de Lisboa*).

PREÇO 5\$00

A VENDA NA LIVRARIA
DO "DIÁRIO DE NOTÍCIAS"
Largo Trindade Coelho, 10 e 11
(antigo Largo de S. Roque).

OS BÉBÉS "NESTLÉ"



TRÊS IRMÃOSINHOS GEMEOS ALIMENTADOS
COM LEITE CONDENSADO E FARINHA **NESTLÉ**

Chrysler

SEMPRE NA VANGUARDA DO PROGRESSO E IMPONDO-SE
PELO CONJUNTO DAS SUAS INEGUALÁVEIS QUALIDADES!!!

Em qualquer dos seus admiráveis modelos

CHRYSLER "65", "75", IMPERIAL e ainda o

CHRYSLER-PLYMOUTH

encontrareis o automóvel de mais agradável condução, de mais rápida aceleração, de mais perfeito silêncio, mesmo depois de muitos milhares de quilómetros percorridos, de mais longa duração e da mais comprovada resistência. Pedir uma demonstração, sem qualquer compromisso, ao

AGENTE GERAL — A. BEAUVALET
Rua 1.º de Dezembro, 137 — LISBOA

DISTRIBUIDOR PARA O NORTE — ANGEL BEAUVALET
Rua de Santa Catarina, 130 — PORTO

A CASA DE AUTOMOVEIS MAIS ANTIGA DO PAÍS



**HISTORIA
DA
LITERATURA
PORTUGUESA
ILUSTRADA**

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS — LISBOA

Está publicado o fascículo XII, completando o

I VOLUME

desta grandiosa obra e contendo o INDICE,

CAPAS DE BROCHURA ESPECIAIS,

ROSTO e ANTE-ROSTO do 1.º volume

A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE

EDITADA EM PORTUGAL

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS:

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) 11\$50

	3 meses	6 meses	1 ano
Assinatura (pagamento adiantado)	30\$00	59\$00	118\$00

	REGISTADO		
ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHÁ 34\$50	67\$00	132\$00	
ÍNDIA, MACAU E TIMOR	36\$00	79\$00	138\$00
ESTRANGEIRO	37\$00	72\$00	142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
ANTÓNIO BAIÃO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GU., da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
BRITO CAMACHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonisação do Brasil*.
CRISTÓVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
CORREIO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camoanicos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academias das Ciências de Lisboa.
MOSES BENSARAT AMALACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
P. M. LARANJO COLHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIROZ VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32x25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PÁGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHE,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

E CONTERÁ

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-similes de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a côres.

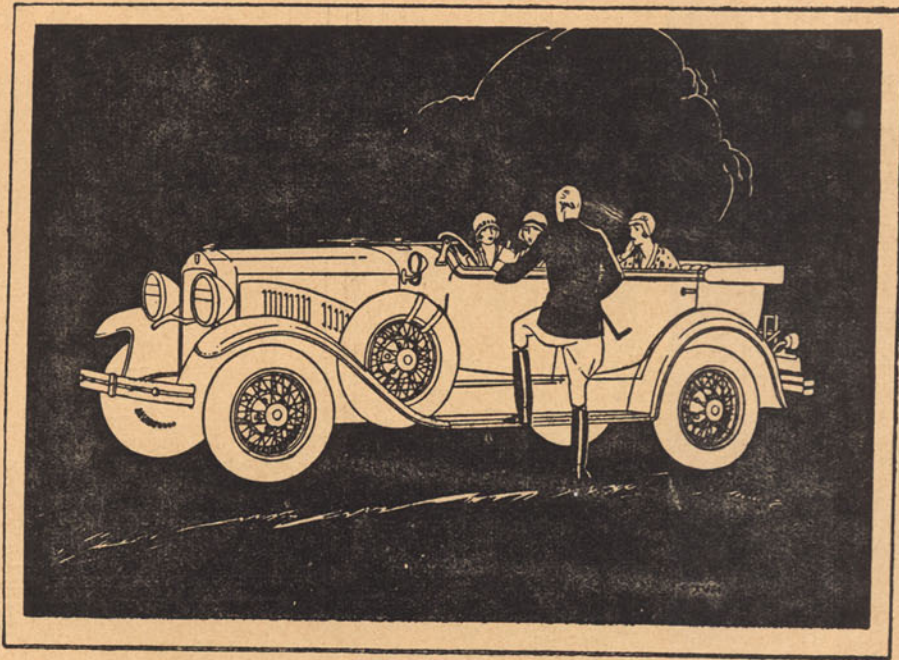
CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALISADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSGRADO

CADA TOMO... .. 10\$00

REO*



Um brilhante e incondicional serviço

A boa reputação de que gosam os automoveis REO «Flying Cloud», deve-se tanto aos incondicionaes serviços como ao seu atraente estilo, comodidade pouco vulgar e absoluta segurança.

O motor REO de seis cilindros proporciona uma rapida accleração e uma potência mais que suficiente para toda a especie de estradas e encostas.

Uma das mais importantes características da construção do

chassis REO é o seu perfeito equilibrio, o que evita os solavancos, trepidações, até mesmo quando se marcha a grande velocidade por más estradas.

Alem disso, a ação suave e segura dos seus potentes travões hidraulicos de expansão interna ás quatro rodas, assegura uma maior segurança e um perfeito dominio do carro sejam quaes forem as condições de marcha.

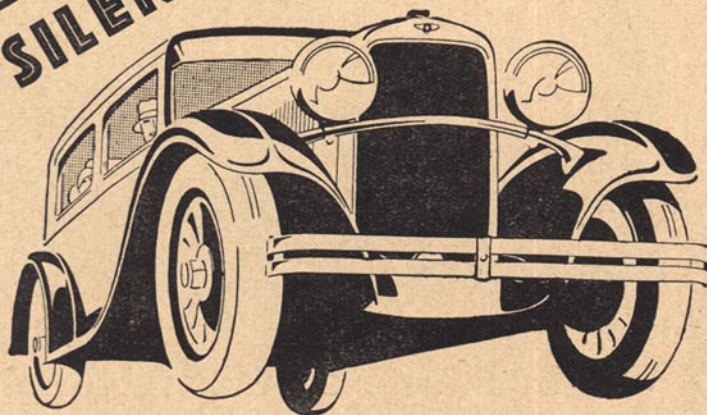
**REO sao as iniciais de Ramson E. Olds, um dos primeiros fabricantes da Industria auto-motriz, fundador, com outros, ha 27 anos, da REO MOTOR CAR COMPANY e atual Presidente do Conselho de Direção da dita firma.*

CONTRERAS & GARRIDO, Lda.

AVENIDA DA LIBERDADE, 165-171 :: TELF. N-789 (PBX) :: LISBOA



**O NOVO
DODGE BROTHERS SEIS
FORTE - SILENCIOSO - DURAVEL**



A casa Dodge Brothers, famosa desde ha tanto tempo pela força, solidez, e perfeição mecânica dos seus carros, acaba de espantar e entusiasmar todo o mundo com a seu ultimo carro "Dodge Brothers Seis."

Um chassis ideado para poder em toda a sua extensão correr suave e silenciosamente. Uma machina dotada de seis cylindros assentes sobre borracha. Veio de manivella com sete chumaceiras. Embolos de tirante Invar. Engrenagens de faces grandes. Um modelo revolucionario de caixa de carro que apesar do uso e do tempo sempre se conservará silencioso, sem fazer nenhum ruido. A caixa de carro "Mono-peça." Sem juntas. Rigida. Espaçosa. Construida dentro do proprio chassis para tornar o carro inteiro ainda mais estavel. Ide ver, hoje mesmo, um dos modelos do Dodge Brothers Seis, no armazem d'um dos negociantes. Assentai-vos lá dentro. Examinai bem cada detalhe e ficareis convencido que é este o carro mais espaçoso, e mais elegante que a casa Dodge Brothers até hoje tenha construido.

**PROVAI
O NOVO
CARRO**

DODGE BROTHERS
SEIS

BERNARDINO CORREA & CIA, 1 AV. DA LIBERDADE, LISBOA

DODGE BROTHERS' MOTOR CARS, PRODUCT OF CHRYSLER MOTORS, DETROIT, MICHIGAN

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO

R. Cecílio de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Procissão)

Telef. T. 871

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO :
JOSÉ CARLOS DA SILVA

DIRECTOR :
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE :
EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE
E
AILLAUD LTD.ª

ADMINISTRAÇÃO
R. Diário de Notícias, 78
Telef. : T. 821 a 824

ANO 4.º — NÚMERO 94

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

16 DE NOVEMBRO DE 1929



TRIUNFO NA VIDA E NA MORTE. — ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA, O ARDENTE TRIBUNO POPULAR, O ÚLTIMO ABENCERRAGEM DO NEO-ROMANTISMO POLÍTICO, DESAPARECE DO MUNDO EM PLENA APOTEÓSE DE BELEZA. O GRANDE ORADOR E PALADINO TRIUNFOU NA VIDA E NA MORTE; NA VIDA QUANDO, NA SUA VISITA AO BRASIL, ELEVOU O NOME DE PORTUGAL TÃO ALTO COMO NO SÉCULO DE OURO; NA MORTE, PELA SUA RESIGNAÇÃO ESTOICA, PELA BONDADE QUE A AGÓNIA NÃO MATOU, PELA SERENIDADE SUPREMA SANTIFICADA PELO MARTÍRIO DO MAIOR

SOPRIMENTO

(Fotos «Ilustração»)



CRONICA DA QUINZENA

Com António José de Almeida desapareceu um dos homens representativos da geração de 90, ou geração do *ultimatum*, assim chamada por ter sido a propósito deste acontecimento histórico que pela primeira vez se manifestaram, colectiva e publicamente, os que então saíam ou tinham saído das escolas.

Não tratamos agora de verificar se a data de 1890, geralmente adoptada, deve ser definitivamente aceita. É sempre difícil fixar a data em que uma nova geração entra na vida pública: ainda hoje se discute, e discutirá, a data a que deve ser referido o aparecimento da geração romântica em França, se bem que oficialmente tenha sido fixada a de 1830 para efeitos do centenário a comemorar. É que as gerações históricas não entram na vida pública por um acto único, mas por actos sucessivos.

Seja como fôr, é já de notar o contraste entre a geração de 90 e a geração anterior, a de 1865, ou da *questão coimbrã*: ao passo que aquela assinalou-se por uma questão política, esta manifestou-se por uma polémica literária, seguida, a breve trecho, das conferências do Casino. Esta, tinha sido uma geração desdenhada da política, sobretudo preocupada de *renovação literária e artística*; a de 90 foi quasi inteiramente empolgada pela ideia da *revolução política*, deixando-se esterilizar, ou pouco menos, para todas as outras formas de actividade.

Consequência da política dos caminhos de ferro nos meados do século XIX, começaram a entrar a jorros nas livrarias portuguesas as produções mais recentes da cultura europeia, vindas da Alemanha e da França. Eram as obras de Michelet e Quinet, era o Vico e o Herder, era Strauss e Renan, era o Hegel, o Comte, o Littré, eram o Goethe, o Heine, Balzac, Flaubert, Baudelaire, Gérard de Nerval; eram os sistemas filosóficos, as novas sciências histórico-filológicas, eram as origens da religião, da linguagem, do direito, eram os mitos e as lendas, eram as grandes criações colectivas, os Vedas, o Mahabhorata, os Eddas, os Nibelungen.

Tudo isto produziu na geração que então se formava na Universidade de Coimbra, um verdadeiro deslumbramento, uma espécie de embriaguês espiritual. E desde logo se achou orientado o pensamento da missão que lhe estava incumbida: inserir a sociedade portuguesa na corrente da cultura europeia. A essa obra estão ligados os nomes de Antero do Quental, Teófilo Braga, Oliveira Martins, Adolfo Coelho, Vasconcelos de Abreu, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, outros ainda, pelo que respeita à parte literária.

Alguns houve, porém, entre os homens desta geração, que o pessimismo causado

pelo espectáculo do atoleiro em que se debatia o regime não levou a refugiarem-se no culto puro da literatura ou da arte. Acreditaram na possibilidade de uma transformação política, julgaram-na mesmo necessária. Teófilo Braga, Manuel de Arriaga, José Falcão, Jacinto Nunes, Bernardino Pinheiro, com Elias Garcia, Latino Coelho, Gilberto Rola, organizaram o partido republicano.

Assim, a geração de 90 achou-se por um lado, iniciada, desde os bancos da escola, pela geração anterior no movimento de ideias que ela tinha criado, por outro lado, vendo crescer, de dia para dia, o partido republicano em face de um regime que a si próprio se desprestigiava.

A tentativa revolucionária de 1891 sossegou, mas passado um curto período de depressão, a actividade do partido republicano recomeçou. Vendo-se naufragar, o país apelava para um messias; mas os messias fallaram. A confusão era enorme.

Foi por esse tempo que António José de Almeida appareceu em Lisboa, vindo de S. Tomé, onde estivera alguns anos fazendo clinica.

Ia, finalmente encontrar a arena e as circunstâncias apropriadas para a manifestação das suas faculdades. A aspiração ao professorado, ao terminar o curso, tinha sido um erro de visão, a clinica uma necessidade. Agora, e doravante, António José de Almeida achava-se no seu verdadeiro campo de acção.

Os oradores que nos anos anteriores mais queridos tinham sido das multidões, Manuel de Arriaga, Magalhães Lima, já não tinham as exuberâncias da mocidade. Entravam em scena, na primeira linha, os homens de 90. De entre elles, foi, indiscutivelmente, António José de Almeida o mais idolatrado. Alexandre Braga era mais artista da palavra, mais elegante; Afonso Costa, mais arguto, mais adequado aos pleitos do fóro e às lutas parlamentares, mas aquele cuja palavra mais entusiasmava as multidões era o António José como familiarmente o designavam.

Sem dúvida, não lhe foram poupadas as reviravoltas da aura popular, e um dia houve em que foi vaiado pelas mesmas turbas que tempos antes o tinham levado ao Capitólio. Mas, António José de Almeida não podia viver sem o amor das multidões, e na primeira ocasião propícia, fácil lhe foi recupe-

rar o prestígio momentaneamente obliterado. Pode-se dizer mesmo que esse prestígio cresceu ainda depois que elle abandonou a actividade política. Em vida, ainda, António José de Almeida tinha já entrado nos domínios da lenda. Seu nome era já um símbolo, símbolo de uma aspiração reavivada pelas circunstâncias — a República.

Eis porque o funeral de António José de Almeida foi o mais concorrido destes últimos tempos.

*
* *

Depois de António José de Almeida, Columbano, o mestre incontestável da pintura portuguesa — *il maestro di coloro che sanno* — na frase do florentino.

A poucos dias de distância desaparecem dois homens representativos de duas gerações. De facto, embora cerca de dez anos mais novo que os homens da geração de 1865, Columbano pertence historicamente à mesma geração; foi a mesma abertura de Portugal às correntes do pensamento europeu que deu, primeiro, a renovação literária, depois, a renovação artística. Isto, se não é uma lei geral, é, pelo menos, corrente. Nos grandes movimentos de ideias, a transformação literária é que suscita a evolução artística, o livro é que inspira o quadro, a estátua ou o templo, e não o inverso. Toda a arte cristã deriva da Bíblia; toda a arte grega dos poemas de Homero e seus antecessores; toda a arte indiana dos poemas Sanscritos e dos hinos vedicos; o renascimento literário na Itália precedeu o renascimento artístico.

Contraste de duas gerações: uma quasi exclusivamente preocupada de literatura e arte, dando uma rica floração de produções literárias e artísticas, a outra, toda entregue à agitação política, esteril para a literatura e para a arte. De semelhante contraste a história oferece-nos mais de um exemplo: basta lembrar a geração política da primeira revolução francesa, precedida de uma geração literária e artística, a geração da *Enciclopédia* e dos pintores da segunda metade do século XVIII.

Contraste de dois destinos: um, o orador popular, erguido em vida ao pináculo da glória envolto no frémito aplaudidor das turbas, glória que a tumba apaga, que com a voz se extingue. O outro, asceta da arte, rodeado de silêncio, quasi ignorado da grande massa, ergue-se, cerrado o túmulo,

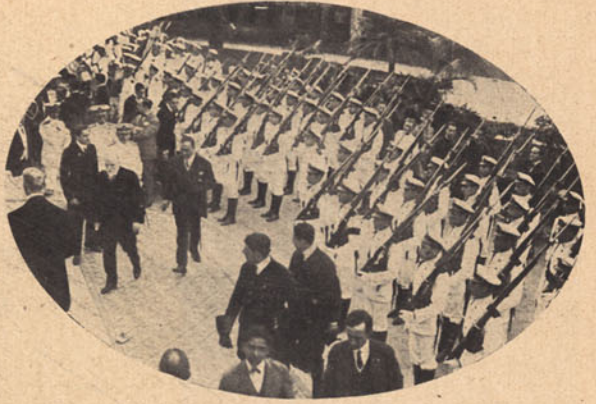
Tel qu'en lui-même enfin l'éternité le change.

(St. Mallarmé).

JOSÉ DE MAGALHÃES.

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

A MORTE DE DUAS GRANDES FIGURAS DA DEMOCRACIA



AO ALTO: — O dr. António José de Almeida, quando Presidente da República, a bordo do paquete que o levou ao Brasil, com o seu ministro dr. Barbosa de Magalhães

NO OVAL, de cima: — O corpo do antigo chefe de Estado saindo da sua residência em meio da veneração e respeito da massa popular

EM BAIXO: — Uma das últimas fotos do dr. António José de Almeida ao partir para San Sebastian a consultar o dr. Asuero



NO OVAL, ao alto: — No Rio de Janeiro. O dr. António José de Almeida passando revista à guarda de honra dos aspirantes de marinha, quando chegou àquela capital na sua qualidade de Presidente da República Portuguesa

NO MEDALHÃO, ao centro: — Um aspecto da câmara ardente do insigne orador e prestigioso democrata

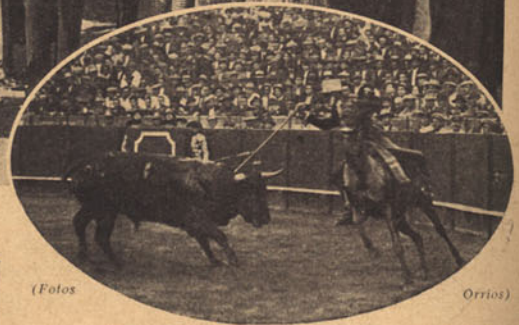
NO OVAL, de baixo: — Em Alpiarça. — A sentida manifestação popular em que se converteu o funeral do grande homem de bem e eminente democrata dr. José Relvas, falecido no seu solar dos Patudos. O dr. José Relvas foi o caudilho republicano que leu a proclamação da República ao povo em 5 de Outubro de 1910

DE TODA A PARTE...



EM SEVILHA :

— Uma das romarias mais curiosas da Andaluzia é a da Senhora de Valme, nos arredores de Sevilha. As nossas fotos, exclusivamente executadas para a *Ilustração*, representam: no medalhão de cima, à esquerda, um pitoresco par andaluz cuja montada ostenta um arreio característico da época do famoso Diegos Corrientes, o bandido romântico. A *pareja* vai de romaria à Virgem de



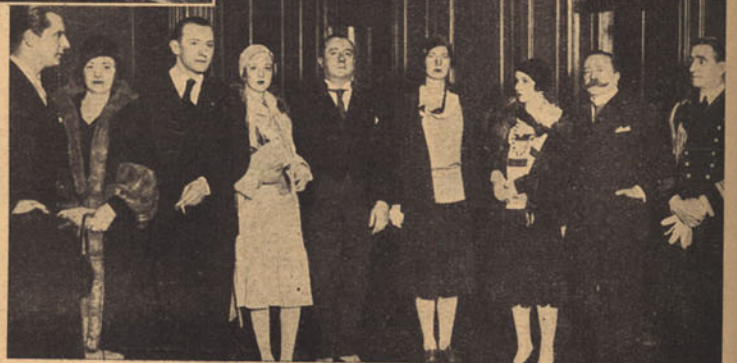
(Fotos

Orrios)

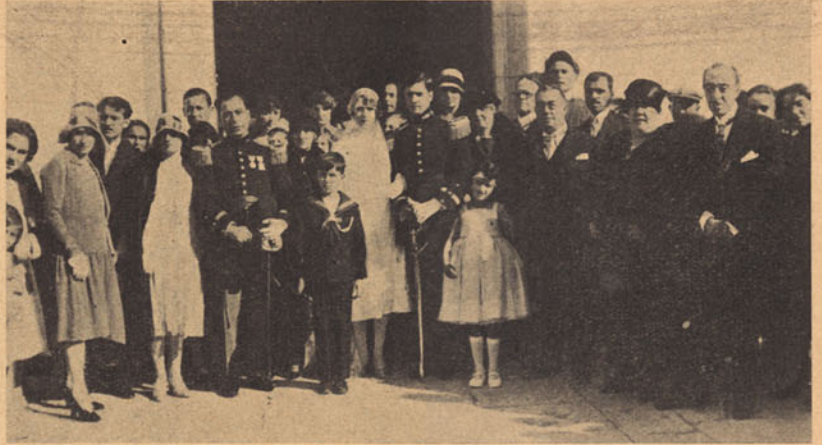


Valme. *Ao centro*: Uma usança pitoresca. As «chicas flamengas» do bairro toureiro de San Bernardo, acompanham a peregrinação em carros enfeitados a capricho e detêm-se, a espaços, para, em plena estrada, numa reminiscência pagã, bailarem as típicas «Sevilhanas». *No medalhão, em cima, à direita*: Os competidores da lide equestre na tourada de Sevilha por ocasião da Virgem de Valme: D. António Cañero e João Branco Nuncio, o *tenónimo* deste ano taurino. *No oval de baixo*: Cañero rejoneando na Maestranza, ao seu estilo peculiar.

ARGENTINA — BUENOS AIRES. — A visita do navio de guerra italiano «Trento» foi pretexto para festas elegantíssimas. *Em cima*: A assistência à festa dada pelos Barões de Marchi, nos salões do Jockey Club de Buenos Aires, em honra da oficialidade do «Trento». *Em baixo*: Grupo tirado a bordo do «Trento» numa pequena festa dada pelo seu comandante a pessoas de alta categoria social. *Da esquerda para a direita*: Sr. Pozzi, director geral do Fascio, na Argentina; Baronesa de Marchi, Consul Geral de Itália, M.^{lle} Clara Uriburu Roca, Barão de Marchi, D. Antonia de Faria, Madame Rosa de Uriburu, Embaixatriz da Argentina em Londres, Marquês de Faria e capitão de navio De Angelis, adido naval à Embaixada de Itália.



(Clichés gentilmente cedidos pelo senhor Marquês de Faria).



EM CIMA: — Aristocrático casamento efectuado na Paroquia de Belas, da Ex.^{ma} sr.^a D. Maria da Graça de Aboim (Idanha), filha do ilustre poeta Raúl de Aboim, Visconde da Idanha, e D. Sára de Aboim, com o sr. tenente Rui da Silva Horta, segundo comandante da policia de Faro. Os noivos e o sacerdote no momento do enlace

EM CIMA, à direita: — Os noivos, seus pais e convidados após o casamento

NO OVAL, de baixo: — Assistência à homenagem prestada na Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa ao eminente jornalista brasileiro dr. Dinis Júnior, director de «A Noite», e grande amigo de Portugal



NO OVAL, de cima: — Aspecto do banquete oferecido pelo jornal Os Sports ao prestigioso desportista e nosso querido colaborador, dr. Salazar Carreira



EM CIMA: — Aspecto do edificio da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, visto da nova rua António Rodrigues Sampaio



A ESQUERDA: — Em Aranjuez (Espanha). — Inauguração da nova estação de Radiocomunicações, vendo-se ao fundo S. M. D. Afonso XIII entre o general Primo de Rivera e o grande inventor Marconi

(Foto Orrios)



A ESQUERDA. — Os oficiais aviadores portugueses que visitaram Sevilha, esperando, com os seus camaradas espanhóis, a visita do monarca espanhol ao aeródromo

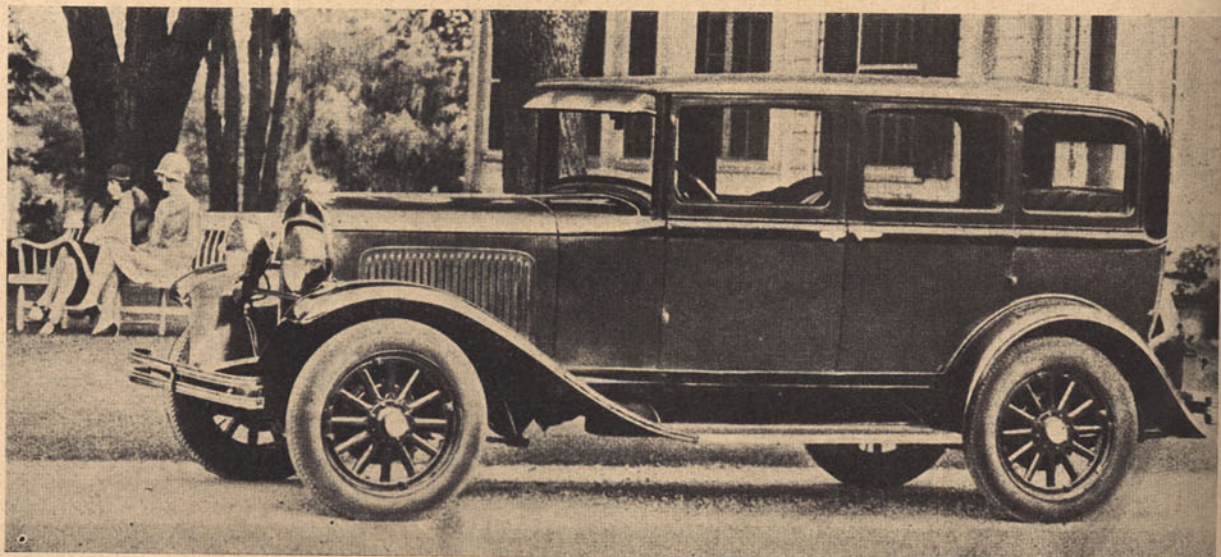
EM BAIXO: — Os nossos oficiais aviadores, em Sevilha, nas corridas de cavalos, acompanhados pelo seu camarada espanhol capitão-aviador Carmona, por ocasião da visita que fizeram à capital de Andaluzia

(Fotos Orrios.)



NO MEDALHÃO: — Visita do sr. presidente do Ministério e ministro do Interior, acompanhado do ilustre ministro do Comércio dr. Antunes Guimarães, à Escola Profissional de D. Maria Pia. Os ministros na oficina de fundição

A DIREITA: — Torneio de tiro aos pombos. Os vencedores: da esquerda para a direita; srs. Infante da Câmara, José Burnay, José Fernandes, Luís Oliva e Álvaro Pinto Bastos



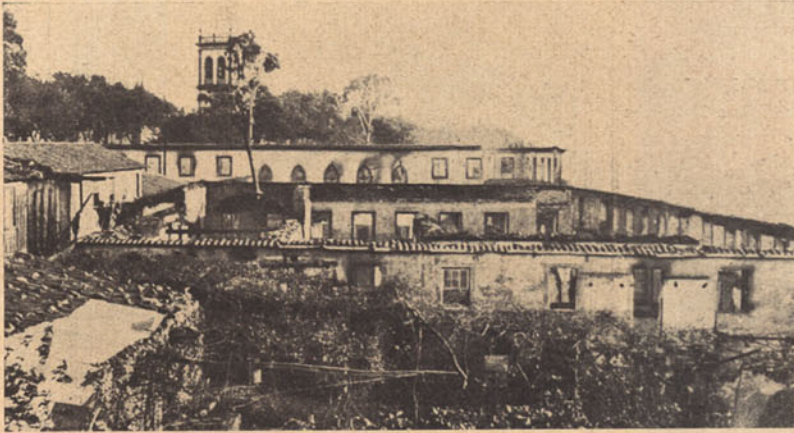
O magnífico automóvel «Chrysler-Plymouth» que constitui o 1.º prémio do grande concurso «As Marias de Portugal» que o grande rotativo *Diário de Notícias* acaba de iniciar com o mais entusiástico êxito



PELO

EM CIMA: — Felgueiras. Um aspecto das Ruínas do Grande Hotel de Santa Quitéria totalmente devorado pelo fogo

EM BAIXO: — No Porto. — O avião «Machi» 46 da Base de S. Jacinto, Aveiro, tripulado pelo 1.º tenente Paulo Viana, comandante e pelo mecânico Lebre, devido a uma rutura no depósito do óleo amarrado no Douro de onde deslocou, já reparado, três horas depois

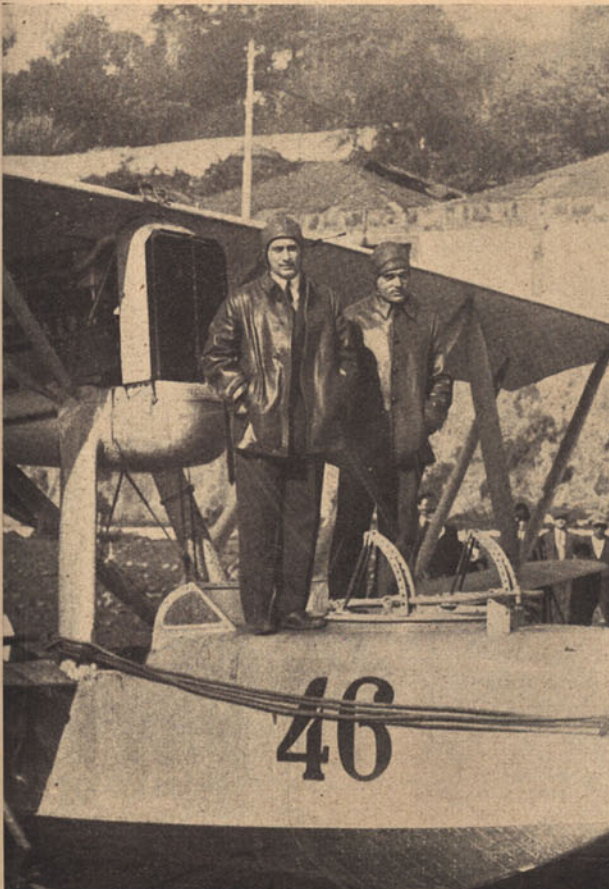


PAIZ

EM CIMA: — Outro aspecto das ruínas do Hotel de Felgueiras

A ESQUERDA: — Vista geral do antigo colégio de lazaristas de Felgueiras, ultimamente Grande Hotel de Santa Quitéria e que foi completamente destruído por um terrível incêndio tendo prejuizos de mais de seiscentos contos de réis

(Fotos Alvaro Martins especiais para Ilustração)



EM CIMA: — Senhoras e meninas que tomaram parte na quermesse realizada pela Associação dos Empregados de Comércio de Loanda, com fins beneficentes, apurando sessenta e cinco mil escudos

EM BAIXO: — Os actuais directores da prestimosa Associação Beneficente dos Empregados de Comércio de Loanda, a quem se deve a actual prosperidade da mesma colectividade



FIGURAS DO MOMENTO



BEBE DANIELS E BEN LYON

CÉLEBRES artistas de cinema cujo enlace acaba de se realizar em Hollywood.



TENENTE-CORONEL BARRETO DE OLIVEIRA

DISTINTO professor da Escola Militar e prestigioso regente do Instituto dos Pupilos do Exército, cuja promoção recente foi merecidíssima pelo alto mérito cívico e militar do ilustre oficial.



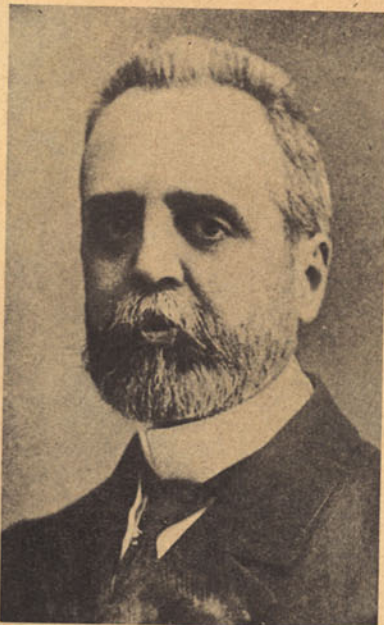
EDUARDO RODRIGUES

DISTINTO desportista português, delegado de Portugal no desafio de «tennis» Portugal-Espanha por ocasião da Semana Portuguesa em Sevilha e que tem dedicado um entusiástico labor à aproximação desportiva luso-espanhola, colhendo os mais benéficos resultados.



GENERAL NADIR KHAN.

GENERAL afgão cujas tropas tomaram Kabul e desbarataram o rei bandido Habiulah, parecendo que assim será restituída a coroa do Afeganistão ao soberano deposto Amanulah.



D. JOSÉ SANCHEZ GUERRA

ANTIGO presidente do Conselho espanhol e chefe do Partido liberal conservador, que intentou derrubar o governo de Primo de Rivera, desembarcando em Valência por pacto com o capitão-general Castro Girona que, tendo, à última hora, recuado na sua decisão, deu aso a que o eminente político heroicamente assumisse a responsabilidade da sedição pela qual acaba de responder ante o Conselho de Guerra de Valência que o absolveu, sendo porém a sentença anulada.

(Foto Orrios).



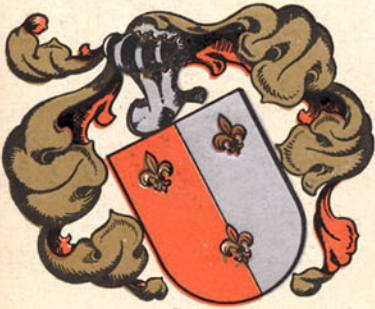
DR. ADEMAR DE MELO

ILUSTRE consul do Brasil no Pôrto, cuja acção em prol do intercâmbio mental luso-brasileiro tão decisiva e interessante tem sido no campo das realizações práticas.



DR. FREDERICO MEANA

EMINENTE médico espanhol, director da revista científica «Medicina Latina», onde colaboram os principais nomes da medicina portuguesa, numa generosa obra de lusofilia do ilustre clinico e nosso querido amigo.



Arelhano



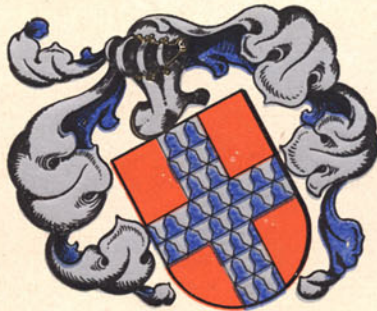
Arelhano



Arez



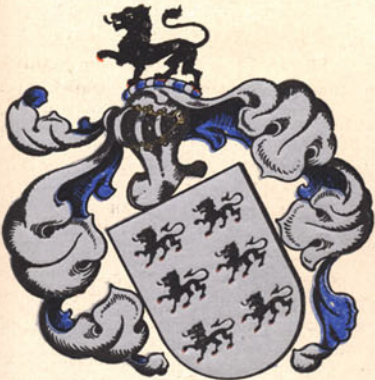
Argolo



Argote



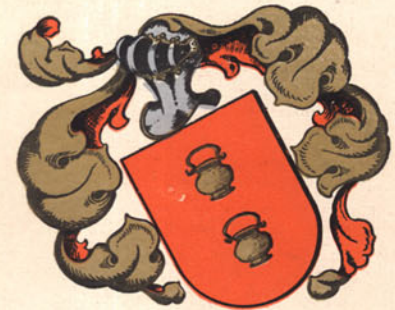
Armilões



Arnau



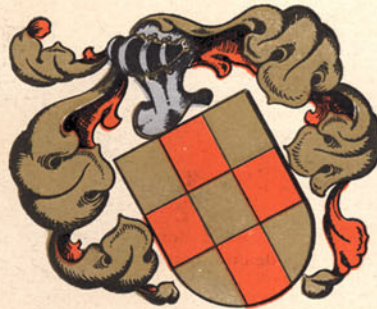
Arrais



Arraia



Arriaga



Arriscado



Arroio

JINARAJADĀSA

O FAMOSO FILÓSOFO INDÚ

FALA AOS LEITORES DA "ILUSTRAÇÃO"

A RELIGIÃO DO FUTURO — O SÁBIO E O ARTISTA — UM APÓS- TOLO DO IDEALISMO — UMA ENTREVISTA FÁCILMA E UM AUTÓGRAFO MAIS QUE DIFÍCIL

Lisboa, seis horas da tarde, à entrada de um grande hotel na Baixa:

— O sr. Jinarajadāsa está? Um senhor indio...
— Subiu agora mesmo. Quarto número um.

Preparo-me convenientemente com aquela decisão um pouco sem-vergonha, característica dos entrevistadores que pretendem arrancar confidências sugestivas aos entrevistados e entro em scena com o competente fotógrafo, *hors d'oeuvres* indispensável nestas *entrées*.

Vai certamente ser uma entrevista como qualquer outra, um simples jôgo de perguntas e respostas num dueto forçado em que eu preguntarei tudo o que me convém saber e êle responderá apenas o que lhe convém dizer.

Num interrogatório audacioso que à maneira de saca-rolhas extrairá do filósofo tóda a sua banalidade humana, ser-me-há fácil fazer-lhe sentir que o seu apostolado não tem razão de ser numa era em que os apóstolos foram substituídos pelos caixeiros viajantes, verdadeiros evangelistas de uma Nova Fé, que todos professam de bom grado: — a Religião do Lucro!

E assim pensando, muito senhor de mim, com aquela expressão de orgulho que precede sempre as grandes vitórias intellectuais, apresento-me a Jinarajadāsa, o grande teósofo indio, homem de sciência, bacharel formado em letras pelo St. John's College da Universidade de Cambridge e nesse momento, para mim, apenas o assunto interessante de uma entrevista.

O meu primeiro sentimento é de surpresa.

Esperava encontrar o mago misterioso do Oriente de varinha de condão, *alandrau dernier cri* São Cipriano, e surge-me, trajando à europea, na mais occidental de tódas as atitudes, o homem de sociedade, simples e cortês, apontando-me uma cadeira num convite amável a que o interroque.

Dir-se-hia que é antes um diplomata célebre de passagem por Lisboa, aguardando pacientemente a minha curiosidade jornalística acerca de qualquer importante problema político e internacional.

Um sorriso de doce tranqüilidade, que jamais o abandona, atrai-me insensivelmente, afirmando-me a calma íntima de todo o seu sêr, revelando o indivíduo que nunca se impacienta, que não chega nem tarde nem cedo, discreto, ponderado e superior às dificuldades que poderão surgir.

E ao fitar os seus olhos de uma serenidade estranha, tóda a minha audácia em disparar-lhe qualquer interrogação astuciosa, desaparece numa cobardia inexplicável.

É que as suas pupilas são dois microscópios de enorme poder observador, analisando-me até à mais subtil das minhas intenções. Sem que eu possa indicar-lhe o tema da minha entrevista, Jinarajadāsa antecipa-se respondendo-me antes mesmo que eu formule qualquer pergunta:

— Não sou, como pensa, o apóstolo de qualquer credo, fazendo a propaganda de uma religião no sentido vulgar dado a êste termo.

«O verdadeiro objecto da minha missão consiste em proclamar o princípio de que não basta ser religioso, cumprindo os deveres da sua Fé. É necessário que cada um de nós se compenetre

de que no limite da sua possibilidade é neste mundo um agente activo da vontade do Criador, fazendo assim com que a sua força infinita passe através de nós, criando, aperfeiçoando e adicionando alguma coisa mais à já enorme grandeza e beleza do Universo em que habitamos.

«Porque o Universo não é ainda perfeito!

«E conseqüentemente, o verdadeiro santo não é, pois, aquele que, sendo apenas bom, procura refugiar-se no deserto, fugindo ao convívio social para entregar-se a uma vida esteril e contemplativa, mas sim o sêr activo e quasi perfeito, que no domínio das sciências, das artes, da religião e da política, procura sinceramente alcançar um futuro melhor para os seus semelhantes, aperfeiçoando assim a obra da criação.

«Todos os grandes heróis, sábios, artistas, estadistas e mártires de uma qualquer Ideia em beneficio da humanidade, de que nos fala a história de tódas as civilizações, surgem, pois, aos nossos olhos, santificados como verdadeiros

realizadores do plano de Deus, tendo procurado usar todos os seus esforços, e na maioria das vezes a sua própria vida em holocausto ao Futuro e à Evolução para melhor, de uma parte dos seus semelhantes.

«Sob êste conceito cada sêr é como que um dedo da mão do Criador, o organizador supremo e estadista ideal em permanente actividade que, como reza o ditado popular, «não dorme»!

«Esta é a razão da existência humana, afirmando-nos o dever de jámais contrariar a marcha da criação, antes tentando sempre aperfeiçoá-la e auxiliá-la tanto quanto nos é possível.

«Tal é o fim do meu apostolado: a propaganda, não de um credo religioso com um rótulo e um nome especial, mas sim apenas um idealismo, fonte do verdadeiro amor por todos os sêres da criação, da verdadeira paz em tódas as almas, e da verdadeira fraternidade entre todos os sistemas políticos, filosóficos e religiosos, porque no dia em que a humanidade inteira «sentir» que é na verdade o agente condutor da mesma e única Força Divina que preside aos destinos do Universo, dar-se-há automaticamente a união entre o Oriente e o Ocidente, união completa de tódas as civilizações, de tódas as culturas e de todos os credos mais antagónicos!

«E terá, enfim, chegado a era de que nos fala a profecia: *Um só rebanho, um só pastor!*

Jinarajadāsa terminará a sua apresentação. Sem que uma única pergunta lhe tivesse sido



O sábio filósofo pousando especialmente para *Ilustração*

*Una nacion llega a su verdadera
grandeza cuando cada ciudadano
siente la grandeza latente en si
mismo. La religion, la ciencia, el arte,
los negocios, la vida politica, son todos
camminos que conducen al descubrimiento
de esta grandeza, basta que el hombre
sea idealista en su carrera, y se
dedica a vivir olvidandose para
un gran ideal.*

C. Jinarajadása

Um autógrafo do dr. Jinarajadása expressamente escrito para *Ilustração*

feita, a sua intelligência incisiva e arguta, tomara no meu olhar o tema da minha entrevista e abordando o assunto por todos os pontos esgotára-o em breve, ensinando-me assim que não é pessoa que se deixe conduzir dócilmente com uma série de perguntas banais através de um assunto igualmente banal.

Aproveitando esta pausa, observo-o com maior atenção.

É bem o homem de sciência habituado a ocupar qualquer tribuna, dizendo sempre de uma maneira espontânea e natural. Tudo é lógico e sincero nas suas exposições doutrina-rias, numa beleza e solidez de argumentos que parecem fornecer, mecânicamente, um rendimento máximo no menor período de tempo possível.

Todos os seus sentidos devem ser dotados de sensibilidade prodigiosa, o seu poder de observação e de audição que parece permitir-lhe regis-strar os menores ruídos, dir-se-hia super-hu-mano!

Dizem-me ter nascido em Ceilão, — na mística e célebre Meca do budismo indústânico, — no ano de 1875. Tendo vindo para a Europa na sua adolescência, formou-se aos 25 anos de idade em Filosofia e Letras na Universidade de Cambridge.

Tal foi o princípio dos seus estudos mais avan-çados e o início de toda a sua carreira de sábio espiritualista.

Regressando à Índia depois dos seus estudos universitários em Inglaterra, dedicou-se à exegese das religiões universais, estudando com-parativamente os seus dogmas e começando pela região budista.

No Colégio Budista de Ananda, foi durante bastantes anos o seu vice-principal, e ali pela renúncia obteve talvez todo o domínio da sua vontade e o desenvolvimento da sua misteriosa intuição.

Dedicando-se mais tarde ao estudo das sciên-cias experimentais, investigou meticolosamente a vida dos cristais, em companhia dos profes-sores Wellen van Hook e van Shorn, tornan-do-se um físico e um químico de grande saber. Aplicando estes estudos no campo da física e química celestes, iniciou-se nos mistérios da astronomia, e dentro em pouco Jinarajadása tornava-se conhecido em todos os meios sciên-tíficos internacionais como uma mentalidade de grande valor.

É todavia no campo dos estudos filosóficos e religiosos que o Mestre oriental se revela abso-lutamente sábio. Profundo investigador dos textos sagrados de todas as grandes religiões, conhece tão bem como qualquer professante dessa Fé, do Corão do Islamismo, o Zend-Avesta dos persas, a Bíblia dos hebreus e cristãos, e todos os grandes evangelhos de todos os ins-trutores religiosos de todos os tempos.

São mais de vinte as suas obras filosóficas e científicas, abordando as crenças mais trans-cendentes.

Conhecendo a maior parte das línguas mor-tas, especialmente as orientais, fala também

várias línguas modernas, como o inglês, o fran-cês, o italiano e o espanhol!

Todas as suas obras têm sido traduzidas em numerosos idiomas e não obstante o lucro impor-tantíssimo que poderia obter com a sua publi-cação, Jinarajadása recusa-se a receber qual-quer importância pelos seus trabalhos, que são disputados por todos os editores, cedendo o lucro resultante em benefício de várias obras de caridade.

As suas viagens são custeadas pelos admira-dores e professantes das suas ideias filosóficas que em todos os países do mundo acorrem a ouvir a sua palavra mágica de artista, artista do pensamento, artista da emoção e artista da palavra.

Tal é Jinarajadása, o homem que na minha frente me olha sorrindo, sorrindo sempre, com aquele olhar bondoso que só os avós já muito velhos e para quem a vida já não tem segredos, se comprazem em lançar aos netinhos incons-cientes que ainda mal sabem balbuciar...

Terminára a entrevista, facilíma, em que o dueto previsto nem sequer fôra iniciado, e ao levantar-me, num último rogo, numa ousadia inesperada, lembro a necessidade de uma praxe inevitável em todas as entrevistas solônes: — o autógrafo; que neste caso para vantagem de todos os portugueses poderá, por exemplo, ser uma aplicação prática da Filosofia do sábio

indu especialmente apropriada ao progresso de Portugal...

Fatalidade!!!

Durante o período de um relâmpago Jinarajadása não sorri!

O tiro atingira o alvo e segue-se um curto silêncio em que o sábio filósofo parece meditar profundamente e eu penso de mim para mim que... é bem difícil fazer Filosofia prática acerca de um país como o nosso.

Mas logo se ergue, e tomando uma pena, enche rápidamente uma página com vários ca-racteres que a minha curiosidade disfarçada não consegue decifrar. Em seguida, tomando outra fôlha de papel, parece fazer o resumo de que há pouco escreveu, e apresenta-me exclamando:

— Eis o que tenho a dizer sobre Portugal!

Ao lêr as suas palavras, compreendo a sua hesitação de há pouco, e admirado, reconheço que Jinarajadása não é apenas o esteta, o homem de sciência, o filósofo ou o apóstolo de um ideal quiçá intangível. Através do pensamento expresso no seu autógrafo, oferecido para medi-tação de todos os portugueses, entrevê-se o di-plomata sagás e o político modelo, paladino das mais belas ambições de um país, heraldo das mais belas virtudes de todos os subditos desse país, provando-me assim tudo conhecido neste mundo, até mesmo, e em especial, os males de que enfermam certas nacionalidades...

Alguns minutos mais tarde, tendo obsequiosa-mente envergado os seus trajos indus, o Homem Perfeito pousava especialmente para a *Ilustra-ção*, enquanto o fotógrafo com os seus relâmpagos enchia de fumo ácre de magnésio os apo-sentos do bom apóstolo, assim mais uma vez sacrificado ao estranho incenso de uma nova deusa: — a Publicidade.

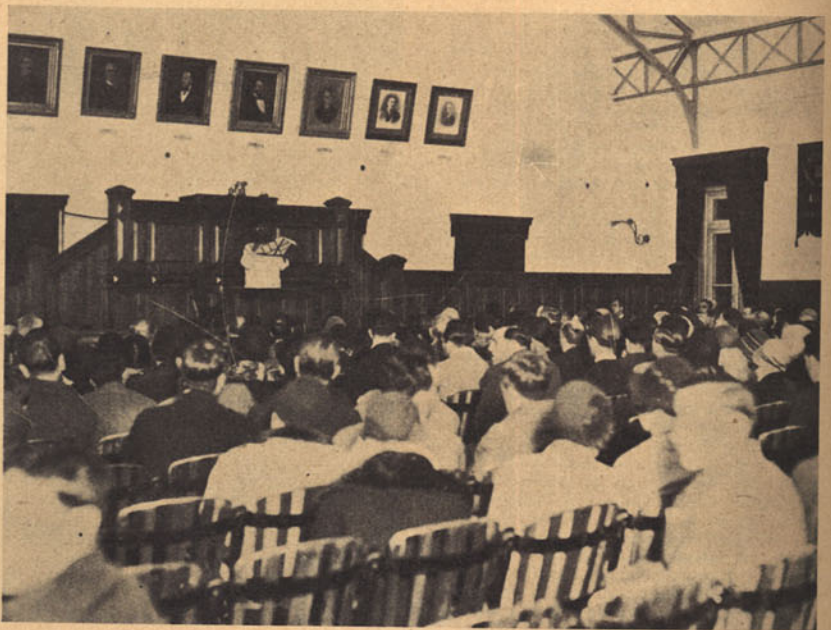
Mas já na rua, ao mergulhar de novo na acti-vidade ruidosa e perdida das multidões, eu pre-guntava a mim próprio por que estranha ironia do Destino os orientais assim tão sábios só neste século tinham vindo até nós oferecer-nos a força da sua poderosa mentalidade?

O meu orgulho de europeu imperfeito segredou-me então ao ouvido que... apesar de todos os seus defeitos e incompetências, fôra o Oci-dente que, graças à maravilha das suas grandes descobertas mecânicas, havia oferecido ao Oriente aquilo que êle jamais havia descoberto: a certeza de uma viagem ultra-acelerada que assim permite aos filósofos orientais percorrer o mundo inteiro em veículos bem mais rápidos que o tradicional elefante dos seus domínios.

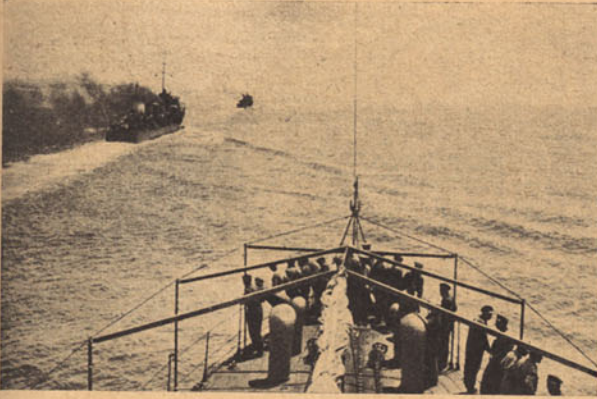
E nessa noite adormeci convencido que afinal, nós-outros, os habitantes do Ocidente, ainda não somos tão estúpidos como nos pintam...

(Fotos de Raúl Reis)

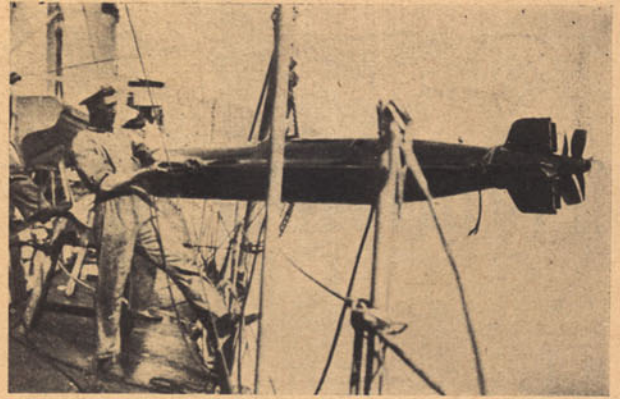
C. DE BRITO LEAL.



O doutor Jinarajadása falando para os seus admiradores portugueses



Torpedeiros navegando em coluna



Preparando um torpedo

A MARINHA DE GUERRA PORTUGUESA

Os torpedeiros de que dispõe hoje a pequena esquadra portuguesa, são quatro unidades de 307 toneladas, com um pequeno raio de acção, que lhes reduz bastante as suas qualidades como barcos de guerra.

Estes quatro torpedeiros — «Ave», «Liz», «Sado» e «Mondego» — foram cedidos à Armada Portuguesa, como reparações de guerra, pertencendo anteriormente à esquadra austríaca.

Foram lançados ao mar em 1915, tendo portanto quatorze anos de serviço. São conseqüentemente unidades cansadas, que em reparações sucessivas gastaram já as verbas constantes do quadro seguinte :

«Ave» — 690.000\$00.

«Liz» — 350.000\$00.

«Sado» — 182.000\$00.

«Mondego» — 450.000\$00.

Estes navios, têm a velocidade — 30 milhas horárias — como única qualidade apreciável na guerra moderna, que é entretanto prejudicada pelo pequeno raio de acção.

São navios movidos a nafta, o que torna a vida a bordo, mais fácil e asseada.

Analizados já os nossos contra-torpedeiros e torpedeiros vejamos agora quais são as unidades ligeiras que mais convem a uma nação marítimo-colonial como é a nossa.

Tem a palavra, o sr. capitão de fragata do Estado Maior Naval, Fernando Augusto Pereira da Silva, antigo ministro e opinião autorizada.

INQUERITO AO SEU ESTADO ACTUAL E ÀS SUAS NECESSIDADES MAIS URGENTES

IV

OS TORPEDEIROS. — QUAIS AS UNIDADES LIGEIRAS DE QUE NECESSITAMOS

Diz o ilustre oficial :

— Necessitamos de uma Marinha para proteger os nossos interesses e o nosso prestígio em todos os mares, ainda que seja uma força de larga acção, constituída por cruzadores para proteger as nossas linhas de comunicação marítima e flotilhas ligeiras de superfície, submarinas e aéreas para assegurar a defesa das nossas posições navais e protecção dos nossos extensos litorais continentais, ultramarinos e insulares.

— Em muitas circunstâncias, os grandes «destroyers» modernos podem ser considerados como pequenos cruzadores e são mesmo mais poderosos em armamento, do que muitos cruzadores actuais e entre elles os nossos. Assim o factor número que é importante para a protecção do tráfego marítimo que nós não podemos fazer com verdadeiros cruzadores, podemos consegui-lo, em parte, com os «destroyers».

— Entendo portanto, que devemos adquirir de momento uma flotilha ligeira assim

constituída : contra-torpedeiros de 1.500 toneladas, 34 nós de velocidade e raio de acção de 4.500 milhas e submersíveis de 800 toneladas, também com grande raio de acção.

— É preciso que a nação se convença de que no dia em que iniciarmos a reorganização da nossa Armada, Portugal deixará de ser um factor de insignificante importância na política internacional.

É isto o que pensa e o que diz, o homem que durante quasi três anos e em seis ministérios consecutivos, sobraçou a contenta da nação inteira a pasta da Marinha.

A sua voz, porque é autorizada, tem de ser ouvida e a sua opinião, será para todos nós, o programa da reorganização da heróica Marinha de Guerra Portuguesa.

Os submersíveis constituem objecto do nosso próximo artigo.

MAURÍCIO DE OLIVEIRA.



Exercícios de artilharia



Limpendo um torpedo



ARCO — Vidé Andrade do Arco.

ARELHANO — Partido, o primeiro de vermelho, o segundo de prata, com 3 flores-de-liz; sendo as duas do chefe, uma de ouro no vermelho, outra de vermelho na prata, a da ponta entrecambada.

Parti de gueules et d'argent, à trois fleurs-de-lis, les 2 du chef, une d'or sur gueules, l'autre de gueules sur l'argent, celle de la pointe de l'un en l'autre.

ARELHANO (2.º ramo) — Partido: o primeiro de vermelho, o segundo de prata com 3 flores-de-liz; sendo as duas do chefe, uma de ouro no vermelho, outra de vermelho na prata, a da ponta entrecambada com uma bordadura de azul carregada de 8 flores-de-liz de ouro.

Parti de gueules et d'argent, à trois fleurs-de-lis; les deux du chef, une d'or sur gueules, l'autre de gueules sur l'argent. Celle de la pointe de l'un en l'autre, à la bordure d'azur chargée de 8 fleurs-de-lis d'or.

AREZ — Em campo vermelho um castelo de prata, mantelado de prata, tendo à direita uma cruz florenciada e vazia de vermelho e à esquerda uma águia estendida de negro.

TIMBRE: A águia do escudo.

De gueules, au chateau d'argent, mantelé d'argent, à dextre une croix florencée et vidée de gueules, à senestre une aigle au vol éployé de sable.

CIMIER: L'aigle de l'écu.

ARGOLO — Em campo de ouro, duas chaves de azul adossadas e encadeadas, com os palhetois ao alto, bordadura de vermelho, carregadas de 8 aspas de ouro.

TIMBRE: Um leão de vermelho, com uma chave do escudo na mão direita.

D'or à deux chefs d'azur adossées et entretenuées, leurs pannetons en haut, à la bordure de gueules chargées de 8 flanchis d'or.

CIMIER: Un lion de gueules tenant une clef de l'écu dans la patte dextre.

ARGOTE — Em campo vermelho, uma cruz de veiros de oito tiras.

De gueules à la croix de vair de huit tires.

ARMILDES — Em campo azul, uma cruz de ouro florenciada cheia de vermelho, bordadura composta de prata e vermelho.

D'azur, à une croix d'or florencée, remplie de gueules, et à la bordure composée d'argent e de gueules.

ARNAU — Em campo de prata, seis leões passantes de negro, armados de vermelho, 2, 2 e 2.

TIMBRE: Um leão do escudo.

D'argent, à six lionceaux passants de sable, armés de gueules, mis 2, 2 et 2.

CIMIER: Un lionceau de l'écu.

ARRAES — Em campo vermelho, 9 fôlhas de golfo de ouro, nervadas de verde, 3, 3 e 3.

TIMBRE: Um tritão sainte de carnação, tendo ao embro um remo de ouro, que sustem com a mão direita.

De gueules, à 9 feuilles de nénufar d'or, nervées de sinoples, 3, 3 et 3.

CIMIER: Un triton issant de carnation, portant sur l'épaule une rame d'or, qu'il tient de sa main dextre.

ARRAIA — Em campo vermelho, duas caldeiras de ouro, uma sôbre a outra.

De gueules, à deux chaudières d'or, l'une sur l'autre.

ARRIAGA — Cortado: I em campo de ouro uma árvore arrancada de verde, frutada de vermelho e ladeada de 2 folhas de golfo de vermelho; II em campo vermelho, uma cruz de ouro florenciada.

Coupé: au I d'or, à un arbre arraché de sinople, fruité de gueules et accosté de deux feuilles de nénufar de gueules; au II de gueules à une croix florencée d'or.

ARRISCADO — Nove peças equipoladas de ouro e de vermelho.

Neuf points équipolés d'or et de gueules.

ARROIO — Em campo azul, um sol de ouro e um contracheife diminuto ondado de prata, aguada do campo.

TIMBRE: O sol do escudo.

D'azur, à un soleil d'or et une mer d'argent flottée du champ.

CIMIER: Le soleil de l'écu.



UM GRANDE PINTOR QUE DESAPARECE MESTRE COLUMBANO

AS SUAS ÚLTIMAS PALAVRAS
DIRIGIDAS À IMPRENSA RECOLHEU-AS A "ILUSTRAÇÃO," FIEL E
CARINHOSAMENTE

AS TORTURAS ÍNTIMAS DO SEU ESPÍRITO—UMA CARTA REVELADORA—OPINIÕES INÉDITAS SOBRE ALGUNS ARTISTAS CONTEMPORÂNEOS — COMO O MESTRE ESTUDOU EM PARIS—O SEU PRIMEIRO TRIUNFO NO «SALON»—OS NOVOS



Columbano Bordalo Pinheiro

O destino tem destes caprichos: elegemos, a nós, dos mais humildes rabiscadores das colunas periódicas, dos menos entendidos em subtilezas de Arte, para recolher, ainda vigorosas e palpitantes de vida, as últimas palavras do Mestre dirigidas à Imprensa. Columbano Bordalo Pinheiro acedera a deixar-se entrevistar para a *Ilustração* e marcou encontro nos salões do Museu de Arte Contemporânea. Escutar as suas confissões era, para nós, seu admirador, mais do que uma vulgar tarefa jornalística, era um desejo muito íntimo, uma sincera aspiração do nosso espírito, um deleite de nossa alma.

Não faltámos. A hora marcada já lá o encontrávamos, franzino, arrastando passos meudes e lentos, apoiado numa bengala, através do Museu, que é uma das suas melhores obras. Estamos a vê-lo: os olhinhos meigos, espreitando através da luneta antiga, os lábios sorrindo um sorriso leve de bom acolhimento, entre o bigode descaído que se confundia com a barba grisalha aparada em bico, o cabelo, de penteado simples, liso, e sem atavios, engriñaldando-lhe a fronte quasi sem rugas.

Havia no seu todo um quê de acanhamento, como se o grande artista nos quizesse pedir desculpa da sua grandeza, perdão do seu admirável talento.

Dir-se-ia que dos seus lábios iríamos escutar este tímido protesto:

— Eu não tenho culpa de ser um pintor extraordinário...

Agora, depois de a morte o ter arrebatado ao nosso convívio, relendo umas cartas que êle escreveu, há trinta e tantos anos, ao grande architecto Francisco Vilaça, compreendemos melhor esse geito de aca-

nhamento que o caracterizava. Columbano era, no âmago de sua alma, pelo muito que amava a Beleza e a Justiça, um revoltado contra o meio ambiente que o cercava.

Cada vez me concentro mais e me vou pouco a pouco entristecendo, escreve êle ao seu amigo dilecto, contando-lhe os discursos elogiosos que num banquete se haviam feito



Camões e as Tagides, quadro de 1894

a vários imbecis, ao passo que ele, já nessa época um valor incontestável era lamentavelmente esquecido.

Tinha o artista, nessa data (Setembro de 1886) a nítida impressão de quanto valia, neste torrão abençoado onde triunfa a imbecilidade, a vulgaridade e a asneira, segundo as suas próprias expressões. Sentia-se incompreendido e malsinado na idade melindrosa em que o carácter se forma e o talento sazona para grandes realizações. Daí o concentrar-se em si mesmo, encerrando-se a sete chaves em feroz misantropia, longe do mundo dos cretinos, cujo olhar ele temia que chegasse a profanar a beleza pura da sua obra. É já, sob a pressão d'este desgraçado ambiente português, sempre avesso a incitar os aptos à escalada heroica das tórridas ideais da Bondade e da Beleza, que o pintor-poeta de Camões evocando as Tágides escreve lá



Um dos quadros do Parlamento

das Caldas, onde se encontra, ao seu companheiro Vilaça:

Trabalho todos os dias e assim me distraio. Já não mostro o que faço a ninguém. Guardo tudo no meu quarto bem fechado e só à noite quando vou para me deitar é que recolho o que fiz durante o dia.

Sôsinho, em silêncio, faço então exposição para mim dos meus próprios trabalhos e assim passo bons bocados a admirá-los. Hei de acabar, creio, por ser o único admirador da minha obra.

Não se confirmou, felizmente para a Arte nacional, o último vaticínio do Mestre. O seu talento triunfou, não só no país como no estrangeiro, e o número de seus admiradores é incontável. Mas d'este pessimismo, d'este dolorido estado de alma, que tão bem se reflecte na carta singela, desceu para sempre uma sombra de melancolia sobre toda a sua obra. Ele, que adorava a paisagem, chegando a pintá-la com raro mérito e muita felicidade, recolhe-se em interiores de luz branda, e é da penumbra que as figuras surgem, como se emergissem de um sonho triste, magoado. A sua técnica é suave, branda, como se o artista ao pincelar a côr, receasse que lá fora do atelier alguém o soubesse.

Na manhã em que o encontramos no Mu-



Um dos melhores quadros de S. Bento

seu — o seu Museu, porque d'ele era pelo amor com que o criara — ainda não viera às nossas mãos a carta a que aludimos, mas adivinhámos a sua íntima tortura. Acompanhava-o uma senhora, em quem reconhecemos a sua esposa — tanta vez o Mestre a reproduzia carinhosamente em sua tela. Discreta, tal como a vemos em certos quadros, ela se afastou, sombra diluindo-se na sombra do salão, para deixar o artista à vontade com o entrevistador.

O nosso diálogo esboçou-se levemente, porque Mestre Columbano confessava não saber como se fazia uma entrevista. Parecia-lhe um dos actos mais solenes da vida social, deixar-se uma pessoa entrevistar. Requeria, segundo lia nas gazetas, «maples» fofos, chavenas de chá equilibradas em dedos malcáveis e cigarros *bout rouge* fumegando perfumes orientais em cinzeiros de prata.

Foi ainda a propósito do tema entrevista, e aludindo à facilidade com que toda a gente se debruça à janela dos jornais perante o público ingénuo, que Mestre Columbano nos disse, detendo-se em frente de um delicioso quadro de Besnard, que seus olhos acarinhavam:

— Hoje em dia as reputações fazem-se a galope. Rapazitos, que ainda ontem não sabiam o que era um pincel, assumem súbitamente atitudes de mestre e alcançam catego-

P.S. Acabo de ter outra encomenda de officio quem outro retrato do Imperador da China mas dista-se e a figura inteira. Valha-me isso! No officio que os promans da Camara de lá me enviaram dizem ser eu a pessoa mais competente para fazer o retrato d'um ^o imperador como este. Que honra!!! Que imbecis!!!

Um típico autógrafa do mestre

rias que envergonham alguns velhos. Pouco trabalho e muita publicidade... Noutro tempo, a reputação de um homem caminhava mais devagar...

Como estas palavras se ajustam perfeitamente ao retrato psicológico que a carta citada nos revela. É a revolta íntima do seu sentimento de justiça contra o triunfo da imbecilidade balôfa e espalhafatosa. Não se queixava por ele, que havia subido já todos os degraus da glória, mas pelos verdadeiros valores que, sem incentivo nem réclamo, desabrocham agora, como ele desabrochava em 1885.

Apontou-nos a tela de Besnard — *Manhã* — junto da qual nos detiveramos. É uma sintonia de luz deslumbradora, cegante de alvura, fresca como o orvalho.

— Veja esta maravilha! — exclamou o Mestre. — É um grande pintor!



Outro dos quadros feitos para S. Bento

Contorcem-se na sombra carnes sensuais que um fauno espreita com apetite.

— Repare — insistiu Columbano — no volume daqueles corpos palpíntes a contrastar com a pureza alvíssima dos tons quasi virgíniais.

Deteve-se ainda uns momentos em extática contemplação, enquanto preguntávamos a nós mesmos porque estranho mistério a sua sensibilidade melancólica e sombria assim vibrava ante uma obra gritante de côr e sensualidade.

— Este homem — prosseguiu o Mestre, referindo-se ao notável artista francês — além de um magnífico pintor de Arte, é um admirável prosador. Conheço um livro em que ele fixa as suas impressões literárias da Índia, de onde trouxe uma famosa colecção de quadros. Pinta com a palavra com tanto brilho como com o pincel. E em pintura é um autêntico revolucionário.

Como nos traíssemos, por um imperceptível movimento de surpresa, ante a palavra *revolucionário*, reforçou o seu assêrto:

— Revolucionário, sim, mas no sentido nobre da palavra.

E precisou melhor o seu pensamento:

— Para se ser revolucionário em Arte urge, primeiro, dar provas cabais de conhecimento profundo do «*metier*», depois, renovar ideas, ensaiar novos processos, por mais estranhos

e originais, mas que através dessas atitudes se veja sempre, com clareza, que se sabe alguma coisa. Há, porém, artistas que executam trabalhos exquisitos, ininteligíveis, vizando apenas a ocultar espectacularmente a sua absoluta ignorância.

Aquelas palavras, ditadas por uma expe-

palavras de aprêço para alguns escultores — Soares dos Reis, Costa Mota, Francisco Santos, Costa Mota (sobrinho). Dos novos citou o nome de Leopoldo de Almeida, com muito agrado.

Estávamos em frente de uma tela de Lupi — um retrato de senhora de avançada idade.

Sentimos um grande desejo de penetrar na intimidade artística do pintor e arrojamo-nos a outra pergunta subtil, que desse ensejo às suas confidências.

— Em que ano esteve em Paris?

Mestre Columbano evocou então o passado distante. Dir-se-ia que uma luz doce ilumi-



O famoso «Santo António de Lisboa», uma obra prima do mestre

riência de cinquenta anos de labor, trouxeram-nos à memória alguns nomes que ciosamente guardamos no fundo do pensamento.

Iamos caminhando lentamente através das salas do Museu. Mestre Columbano detinha-se, de onde em onde, chamando-nos a atenção para uma ou outra obra de Arte. Teve

— Eis uma obra que resiste ao tempo, tão primorosamente pintada ela é — disse o saúdoso artista.

Aventuramos então uma pergunta tímida.

— Sim, — respondeu — fui discípulo de Lupi, mas pouco tempo, alguns meses apenas.

nara seu rosto e se reflectia nos seus olhos. Era a recordação da mocidade, sempre suave quando a evocamos, por muito agreste que em verdade tivesse sido.

— Fui para Paris — disse êle, a voz um pouco velada de emoção — em 1881. Há perto de cinquenta anos. Como não era subsidiado

A MODA

EM

HOLLYWOOD



COMO
VESTEM
AS
"STAR,,



Um lindo casaco e chapéu de camurça branca com punhos, gola e bolsos de vitelo branco e preto, lançado pela linda Marion Nixon.



Este ano, em Holywood, no inverno, desapareceram as flores dos campos mas apareceram no chapéu de Leyla Hyams...



EM CIMA Matilde Robinson, uma formosa loira, «baby-wamp» de 1929, com um vestido de baile negro que dá mais realce à sua formosura.

...nos punhos de Josefina Dunn e no ombro do vestido de Raquel Tôres

(Fotos M. G. M.)

OS EXITOS MUNDIAIS DO TEATRO AMERICANO

A DECADÊNCIA DO TEATRO FRANCÊS—COMO SE SALVOU
O TEATRO ESPANHOL—A OBRA DE ECHAGARAY—AS
TENTATIVAS ESCANDINAVAS—IBSEN E HAUPTMAN—
O CASO DE PINERO—AS OPERETAS VIENENSES—AS
TENTATIVAS DE PIRANDELO—OS ENGENHEIROS
DO TEATRO AMERICANO—OS PIRANDELOS DE
NEW-YORK—O ÚLTIMO ÊXITO MUNDIAL «O
MISTÉRIO DO TEATRO VERMELHO»—COMO
SE FAZ UMA PEÇA DE TEATRO NOS ESTA-
DOS UNIDOS—OSCAAN ZOUSEF E PREX-
TORRE, A FIRMA «YANKEE-POLACA»
DE TEATRO

Durante mais de quarenta anos que os nacionalistas, os «capacetes-de-ferro», da literatura teatral, quer dizer: os Guilhermes Tell de uma Suíça quasi inexistente (que é o teatro português) rufaram, com violência, os seus tambores do «à la charge» contra o teatro da França odiando-o como a um usurpador, como a uma nova soldadesca napoleónica, servilmente adulada pelo snobismo aristocrático, mas guerreada e detestada por eles, os verdadeiros patriotas... Porém a única pátria destes patriotas era a sua ambição de serem autores dramáticos.



Fred Niblo, autor, actor e director, um dos engenheiros do teatro moderno dos E. U.—trabalha ao ar livre...



Stevens Hower, um dos autores do «Processo de Mary Dugan»

Contudo não era Portugal — país de fácil conquista pela ausência de teatro nacional — que o teatro francês invadia. Era o mundo inteiro; eram os próprios países que possuíam um teatro seu, forte, vasto, bem enraizado. Era a própria Alemanha. Era a própria Itália — ninho de teatrógrafos de renome universal como Bracco, como Giovanni Vin-

cini... O teatro francês, através o romantismo e das gerações literariamente platonicas que se lhe seguiram tinha, por força de lógica de triunfar porque representava o movimento contínuo; a evolução ininterrupta, o «novo» sempre variado; uma surpresa de ineditismo a contar por cada obra



Uma scena da originalíssima comédia «Bird in Hand», em scena, há dois anos, no Broadway Teater

que surgia — dentro do espírito da época. No drama, na alta comédia, na comédia, na farsa, no «vaudeville» elles dispunham de Califórnia de imaginações inesgotáveis. Em todos os géneros a remodelação era constante, e o assunto substituído de peça para peça num prodigioso contorcionismo mental dentro da estreiteza sepulcral de um estilo e de um espirito que ameaçava condená-los, desde a primeira hora, à morte pela monotonia... Desde Bourget, no teatro sociológico, desde Bataille, o realismo paradoxalmente lírico e romântico; desde Bernstein da tragédia clássica adaptada aos «boulevards», aos banqueiros do século xx, aos adultérios das avenidas visinhas do Bois, a passar pelo sorriso de Capus e Abel Hermant, pela piéguice de «carpintaria» moderna de Wolff e Francis Croisset; pelas caricaturas delicadas de Flers, de Caillavet, de Weber, a terminar nas farsas molierescas de Feydeau, de Courteline e nas farsas desbargadas de Hennequin — a França regia a grande sinfonia teatral do



Outra scena do «Bird in Hand»

Universo. A Itália não lutava. A Espanha — que é dos poucos países da Europa aquele que, após a crise assustadora de há meio século (resolvida por Echegaray que, aos 50 anos escreveu a sua primeira peça e que em dez anos lançou mais de sessenta, que foram sessenta êxitos de público, salvando assim o teatro espanhol) a Espanha, dizia, mais e melhor resistiu à invasão estrangeira, pela actividade, modernização e originalidade permanentes dos seus autores — não importava teatro francês nem tão pouco o combatia visto que insignificante foi até agora a sua exportação.

Até ao grande conflito mundial marcaram-se apenas ligeiras guerrilhas pondo em perigo o imperialismo do teatro francês. Uma foi o teatro super-intelectual e sociológico de alguns pensadores escandinavos e alemães, com Ibsen a chefiar a escola, com Bjornson à direita e Hauptmann à esquerda. A profundidade do abismo que êsses autores cavavam na alma humana, produziu, no público uma impressão em que os críticos julgavam ver a Humanidade Galvanizada e que era, afinal, uma sensação de vertigem... Minguou um pouco o teatro francês — mas veio logo o cansaço profundo pelo esforço exigido pelo teatro nórdico e como consequência imediata

a corrida, de novo, ao alto relêvo e à diáfandade das peças francesas, de exibição generosa até à medula — ficando Ibsen e a sua côrte intelectual reduzida aos especialistas e aos amadores dos grandes problemas sociais e psíquicos. Veio depois a Inglaterra, com Pinero, numa tentativa de reforma... Mas era só Pinero, um inglês descendente de judeus portugueses, por sinal e pouco produtivo e a ameaça não chegou a constituir perigo, por falta de elementos de combate. Só nos princípios do século é que essa ameaça engrossou e feriu a zona mais rendosa e mais diplomática do teatro francês — a zona do teatro ligeiro: foi a Austria quem vibrou o golpe com as suas operetas vienenses, com os seus Franz Lehars e os seus Strauss ligeiros, com as suas «Viúvas Alegres», com os seus «Condes de Luxembourg», com os seus príncipes, com as suas côrtes baleónicas, com as suas bailarinas misteriosas. A opereta vienense universalizou-se em poucos anos; apossou-se da própria França; e a França deixou de ser a rainha enciclopédica do teatro mundial perdendo o seu monopólio de produção de teatro musicado, mais de meio século triunfante, com as operetas de Offenbachs sucessores, com as «Mascottes»; as «Noites e Dias», as «Senhoras Angot» e «As Grã-Duquesas»... Veiu a guerra; a paralização de tôdas as artes e de tôdas as literaturas...

E o mal que atacara uma vicera alastrou-se per todo o organismo... A Paz deu-lhe, nestes onze anos, uma vida artificial, uma animação de cocaína — mas a sua decadência entrou já no glu-glu do estertor... Ela ainda teima, esbraceja, se maquilha e se enroupa de trajos novos — mas não oculta as ossuras do seu corpo a descarnar-se... Ela ainda conta com velhos bajojos, antigos adulado-

res da época do esplendor — como, por exemplo, Portugal — que teima também em importar-lhe algumas peças... Mas o resultado é eloqüente... Desde a guerra só uma peça francesa triunfou plenamente no nosso teatro: «Os Filhos» («Les petits»). Mas «Les Petits» é uma obra escrita e estreada em Paris, em 1904! As outras, as que foram feitas de 1918 para cá passam despercebidas ante a indiferença polar do público.

Mas a crise tatal não é só francesa. Na França tomou ela proporções de escândalo, pelo facto de cair de muito mais alto, ante um público muito mais vasto e holofoteada por claridades muito mais luminosas. Tirando a Espanha que pressentira, sem bussola, o sul do teatro e para lá se encaminhou antecipadamente, embora numa modestia de quem pretende apenas servir o seu mercado, a crise picou todos os países europeus. A própria Austria não se rehabilita. Duas reacções notáveis: a da Itália e a da Inglaterra. Na Itália — Pirandello. Reforma-o intellectualmente, reforma-o, afastando-o do público, quando neste momento grave é preciso, antes de mais nada, reconquistá-lo, porque sem público nenhum teatro é possível, nem o popular — quanto mais o intellectual. Pirandello quis salvar o teatro agarrando-o pelos cabelos — esquecendo-se que no teatro quasi tôdas as cabeleiras são posições. A ruidosa vitória de Pirandello é limitada; é platónica; é teórica; não cura; não dá boas cores: maquilha apenas...

Na Inglaterra a tentativa esteve mais próxima da realidade; roçou mesmo pelo êxito absoluto. Os ingleses são saxónicos — mas não atingem a perfeição mecânica dos seus



Outra scena do «Bird in Hand»



Como o teatro americano interpreta a História... Uma scena da «As you like it», de Shakespeare

irmãos americanos. Contudo sondaram bem o problema. Reformar o teatro na sua técnica, concorrer com o cinema, não no mesmo campo (o que seria um disparate, porque é impossível), mas no campo dele, teatro... Berry, por um pouco que se adiantava, que chegava primeiro à meta: «Mary Luz» e o «Admirável Mr. Clarkson» são dois esboços mas...

Mas o êxito definitivo estava reservado aos americanos. O «Made in U. S. of A.», universalmente dominante com outros, máquinas, sabões, canetas e filmes — tinha de dominar também no teatro.

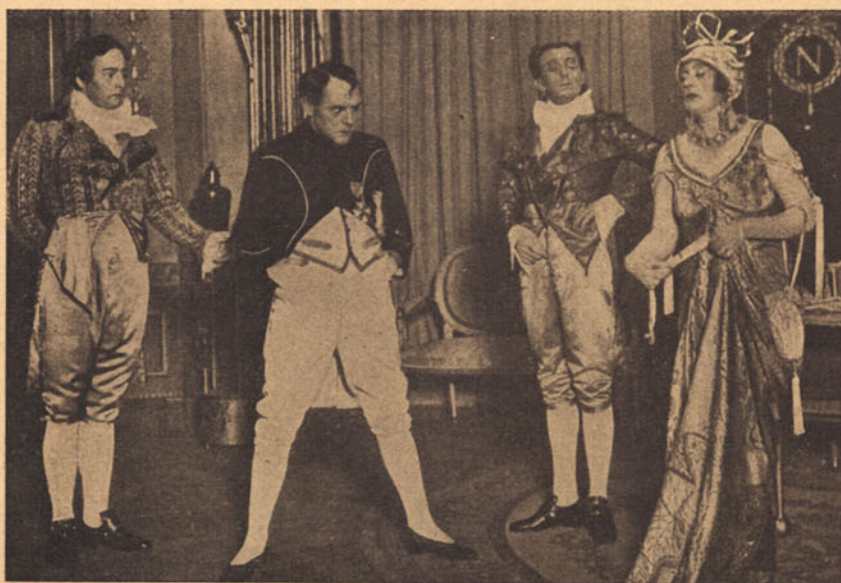
*
*
*

Os autores americanos reformaram o teatro, como fundaram a indústria cinematográfica, como Henry Ford resolveu o pro-

blema da democratização do automóvel, como Gilette descobriu a máquina de fazer a barba.



Uma scena do «Golden Black»



«Madame Sans Gêne» — modêlo de antiga *mise-en-scène* americana — com um Napoleão que parece um Dempsey e capaz de pregar dois «directos» na Madame de Beauvais...

Reformaram o teatro — como engenheiros, como industriais, como comerciantes e como observadores da multidão.

O grande concorrente era o cinema — mas o cinema em vez de ser a morte do teatro podia, pelo contrário, ressuscitá-lo, como a T. S. F. em vez de ser o golpe de graça na indústria do gramofone, há 20 anos agonizante, foi a causa do seu mais largo e endinheirado desenvolvimento.

Era preciso que o teatro perdesse o seu aspecto cadavérico, monotono, extático — e, sendo, como sempre foi, o mago das ficções — desse uma nova ficção: a ficção do máximo movimento... estando parado. Transformá-lo tecnicamente; salpicá-lo de extravagâncias e de novidades; fazer Pirandello nos ineditismos scenicos, mas sem tanta

complicações psicológicas; fazer novo teatro russo — mas sem tantas revoluções e objectivos sociais. E assim nasceu o novo teatro americano.

O seu primeiro êxito, dentro dos Estados Unidos, retumbou há cinco anos, com a estreia do «Golden Black», de Armstrong — filho do autor dos «20.000 dollars». Logo surgiram dezenas de novas obras do mesmo género. A sua exportação, iniciada apenas há dois anos, teve um êco igual ao obtido na terra de origem. «O processo de Mary Dugan»; «Prise»; «Das Dame and der Wanderer» — há dois anos em scena em Berlim — são *specimens* eloquentes...

É curioso relatar como os «engenheiros» do teatro americano garantem o êxito das suas obras. Depois de escrita a peça levam 5 a 6 meses a montá-la; a experimentar interpretes e a estudar a «mise-en-scène».

Depois, em vez de a estrear numa grande cidade, levam-na, em primeira mão, para pequenas terras da província. Ali os autores misturam-se com o público, escutam as suas impressões, e todas as noites modificam a obra neste ou naquele detalhe. Depois da *tournee* pelas vilas, passam às pequenas cidades — seguindo sempre o mesmo critério; e só depois de se convencerem que não há mais nada a cortar, a transformar ou a acrescentar — é que lançam o drama ou a comédia em Nova York, e então com todo o reclame — com aquele reclame de que eles possuem o segredo.

Outro aspecto curioso do teatro americano. Os autores americanos, essencialmente práticos e mais desejosos de fortuna do que da glória confessam que, sendo os melhores «engenheiros» de teatro — lhes falta o «espírito»; a «intelectualidade» para aristocrati-

em go teatros dos vários estados. O seu maior êxito é «The Red Teater Mistry» — que conta mais de mil representações nos Estados Unidos; que está há um ano e meio em scena em Londres; e que alcançou o mais extraordinário triunfo não só de público como de crítica, na Alemanha.

«O Misterio do Teatro Vermelho» é o mais original drama de todo o novo teatro americano. Desenrola-se num teatro revolucionário de Odessa, pouco depois da implantação dos Soviets na Rússia, e o verdadeiro público e os artistas misturam-se quasi continuamente, em toda a acção da obra. As surpresas, tanto no palco como na sala, são contínuas e os espectadores vivem três horas de verdadeira emoção. «The Red Teater Mistry» está em vespers de se estrear em vários países europeus, e ao que nos consta virá, em breve, a Portugal.

Depois dos «Chevrolet», dos «Ford», dos «Roll-Royce», das «Remington», das «Stars», das «Columbia» e das «Paramount» — temos o teatro «Made in U. S. of A.»... É caso para proclamar: artigo garantido... «As peças americanas são as mais sólidas, as que duram mais tempo; as que melhor resistem...» «Experimentá-las uma vez — é usá-las sempre!»

REPORTER X.

O bailado do «Leopardo» que intervem num dos actos do «Misterio do Teatro Vermelho»



Oscan Zouf, o dramaturgo polaco que, juntamente com o americano Prextorre, forma a parceria de maior êxito do novo teatro americano. (Oscan Zouf, tão extravagante na sua *toilette* como na arte, só trabalha de pyjama branco e luvas de cautchouc de cirurgião para a tinta não lhe sujar as mãos)...



Prextorre, que, com Zouf, escreveu «The Red Teater Mistry», o maior êxito mundial do novo teatro americano

zarem espiritualmente o seu trabalho. Concluido isto, experimentam a fazer o que fizeram os primeiros industriais de cinema: importarem artistas, intellectuais europeus — para colaborarem com eles e oferecerem-lhes essa essência intellectual que falta aos americanos. São numerosas essas parcerias yanque — europeias na América; mas a mais célebre é a do dramaturgo polaco Oscan Zouf com o escritor neu-yorkino Prextorre.

A bagagem destes dois homens marcou não só pela quantidade de obras como pela infalibilidade dos seus êxitos. Têm mais de vinte peças — escritas em pouco mais de três anos. Uma delas — «Ruth» está em scena há 800 noites consecutivas num teatro de Brodway e representa-se simultaneamente





José Lopez Rubio

JOSÉ LOPEZ RUBIO

COMEDIOGRAFO ESPANHOL DE VANGUARDA

FÁLA À "ILUSTRAÇÃO" SOBRE A LITERATURA E O TEATRO ESPANHOL NA ÉPOCA QUE PASSA

penções colocá-los-hia nos quatro extremos dum mesmo plano. Porque à estética de Valle-Inclán, que é toda ela um cântico de beleza, delicioso e supremo, sublimado por um espírito reverberante de poeta, arrojando à criação artística novos símbolos de eterna consistência, opõe-se a ética de Baroja, lufadas de sinceridade feroz e surpreendente fundida em pura e cordeal natureza humana, que chega ao caminho da arte com a emoção clara duma alma ligada à vida em permanentes e dolorosas núpcias. E ante a paixão de Unamuno — eferescência de calor anímico, depositando no cadinho da inteligência a nobre especulação das idéas eternas e das eternas aspirações humanas — alça-se a serenidade de Ortega, porte helénico acorrentado a um desejo intenso de penetrar e devassar o mistério de todas as coisas e satisfazer a desoladora interrogação de todas as incertezas da nossa consciência.

São estes os quatro pontos cardeais do moderno movimento intelectual espanhol. E, só por eles, a Espanha atravessa hoje um decisivo momento de afirmação literária que marca posto ao lado das épocas mais relevantes de todos os tempos. E, após eles, vêm ainda Perez de Ayala, Azorin, Gabriel Miró, os irmãos Machado, Juan Ramon Jimenez, dignos, uns e outros, de buscar justa equivalência, com Galdós, no século de Cervantes, Quevedo, Lope e Calderón.

Determinar hoje a maior figura literária da língua castelhana é aventurar uma conclusão que não sei se poderá admitir base sólida e indestrutível. Constitui pelo menos afirmação de tão grave responsabilidade, que não deve, sob pena de deshonesta imprudência ou condenável injustiça, alhear-se de longas e sérias reflexões avigoradas por um invulgar predomínio de cultura onde não escasseiem dotes da mais rara sensibilidade. Se nos obstinarmos em fazer prevalecer a obra dum preferido por humanos desejos de paixão ou outros claros motivos de inteligência e espírito — e o que não é claro não forma juízo — torna-se mister acudir a subtis provisões de agudeza mental, que difícil será esquivar à suspeita verdade do engenheiro, do paradoxo ou do sofisma. Que não se pode escolher fora destes quatro nomes — Valle-Inclán, Pio Baroja, Unamuno e Ortega y Gasset — é indiscutível. De todos eles, sujeitos a um processo crítico, leal e autorizado, que discrimine facetas, contraste valores, compulse fraquezas e defina virtudes, que chegue a determinar o valor absoluto de cada um, impossível deduzir-se uma conclusão que ofereça, entre uns e outros, acusado desnível. Um conjunto de com-

De todos, porém, o que melhor satisfaz as curiosidades da minha inteligência e mais corresponde às exigências do meu espírito é Pio Baroja. Porquê? A resposta é bem simples: porque sim. As questões temperamentais não se fundam em razões de maior vulto nem me parece que as haja: eu, pelo menos, não as vejo com força suficiente para impôr a alguém esta minha preferência. É tão enorme o talhe dos outros três que abalançar-se a gente à gymnástica da dialética seria ver-se na iminência duma queda estrondosa. A considerando opor-se-hia novo considerando, e, se o considerando é admissível e necessário na justificação jurídica — fórmula de sentido colectivo — as leis da li-

teratura — arte, como toda a arte, estruturalmente individualista: uma lei para cada indivíduo — só consentem, fóra dos preceitos eternos, inabaláveis portanto, os considerandos do gosto. E considerar com o próprio gosto, com



Eduardo Ugarte, colaborador de Lopez Rubio em «De la noche a la mañana»

as tendências e com o egoísmo do próprio gosto, é, senão atitude de feminina intuição, jôgo de seriedade bastante relativa.

Foi Pio Baroja, ao explicar o aparecimento de *Las horas solitarias*, livro «naturalmente original» sob todos os aspectos — e não há paradoxo — nascido duma lógica necessidade afectiva, que rompe, sem incongruências efémeras ou quebra de regra eterna, com o conceito que até então se formava do livro, que não é novela, nem ensaio, nem livro de memórias, nem digressão filosófica, ou antes, que tem um pouco de novela, de ensaio, de memórias e de filosofia, distribuído com genial instinto por uma forte e singularíssima personalidade de escritor, que eu aprego, com toda a sinceridade da minha alma, à escassa curiosidade do leitor português; foi Pio Baroja, exemplo único de homem de letras em generosa compreensão e afável entendimento com todos os matices das virtudes e das fraquezas humanas — acaso serão estes os motivos da minha preferência? — quem disse: «*El que vaya leyendo las páginas de Las horas solitarias verá que al hablar de actualidad no me refiero precisamente a la actualidad política ni internacional, sino a la actualidad de una persona en un tiempo, es decir, a la representación de la vida ambiente en mi conciencia en el momento que pasa.*»

Assim, com diáfana e oportuna simplicidade, em meia dúzia de palavras repassadas de vivo fervor e de empolgante interesse pelo momento que passa, que constituem, na sua desconcertante naturalidade, toda uma teoria de arte literária, é como o grande romancista de *El arbol de la ciencia* justifica a sua individualíssima posição perante a vida que o rodeia. Aquilo que à sua pena aflui, infalível como um axioma, amplo e íntimo como um desabafo há muito



Uma scena do primeiro acto de «De la noche a la mañana» representada por Josefina Diaz de Artigas e Santiago Artigas



Sanchez Mejias, o toureiro-dramaturgo

contido, é o que tantas vezes tem perseguido a cultura livre e a desenfadado galope pelas áridas sendas do ensaio em voga para dar fórmula expressiva à moderna sensibilidade artística sem conseguir uma definição convincente e exacta. E já que se fala no ensaio em voga, vem a lume recomendar um grito de alerta sobre o ensaio actual que frequentemente se vale da dignidade do género para buscar sanção a conceitos falidos ou a florituras duma virtuosidade bastante superficial. Para o leitor desprevenido, homem pacato e de boa fé, o ensaio trás sempre à idéa um índice orientador que oscila entre a ampla frente do bipéde pensante e a multidão sequiosa de máximas substanciais e edificantes. E, bastas vezes, a seriedade do género compromete-se no campear de quadrúpede rinchão e empavonado... Alerta, pois!

«La actualidade de una persona en un tiempo!...» Eis tudo! Pio Baroja encontrou a síntese eminente do suggestivo conflito intelectual que há muito se vinha debatendo em longas teorias de arte. A posição está matematicamente determinada. E a ela se acolhem todos os valores que modelam o carácter da novíssima geração espanhola, após o fracasso total e rotundo da chamada geração do *Cuento semanal*, da geração post-Ayala, fabricantes de novelas por atacado para satisfazer os caprichos mórbidos dum público libidinoso e enfermiço, daquelas novelas ao *estilo francés* — ainda no dizer de Baroja — *novelas pornográficas, torpes, como certo verniz psicológico feitas para uso de militares, estudantes e gente de pouca mentalidade*, e da qual só se salvam dois humoristas, um ou outro publicista e algum poeta, que, coincidindo com eles em ordem cronológica, tiveram o bom tino de acampar pacientemente no socairo que os furton aos estragos dos maus ventos da época.

Note-se, de passagem, que este tipo de literatura nunca teve em Portugal uma séria consideração. Quando muito aquela de que se enfeitam os seus próprios produtores, mercê das palavras encomiásticas, comprometedoras e quasi nunca ponderadas dos que têm a seu cargo, na nossa Imprensa, a respectiva secção critica, sempre anónima e adstrita ao serviço interno do jornal. Assim, na impunidade deste anonimato, evita-se a justificação de certas afirmações e servem-se os imperativos de algumas amasadas e simpatias que não se confessam em público, com o nome do baptismo, certamente por tímidês.

Mas voltemos à Espanha, onde o mal chegou

a atingir proporções verdadeiramente assustadoras. A reacção tinha que vir, não em forma de vendaval destruidor e negativista, que nos oferecesse o espectáculo triste duma cidade em ruínas. Não! A Espanha abriu os olhos à Europa, começando a arejar o ambiente com uma nova sensibilidade que exigia gostos mais depurados e uma orientação mais sã. Cultura e solvência literária já são hoje elementos sem os quais o escritor espanhol mal pode impôr-se ao respeito dos seus concidadãos. O senso crítico, formado com o incremento da leitura, que aqui vai tomando proporções inesperadas, precipita a repulsa daquilo que é só instinto e predisposição. A Espanha começa a ler, e, da Espanha que sabe ler, surgem admirações e preferências. Revisa as suas letras passadas, presta justiça aos seus valores perenes e esquece os êxitos fugazes dos seus comerciantes pouco escrupulosos e dos exploradores da sua letargia... Preparada para conceber firmes esperanças, não recebe surpresas que lhe venham desmentir o optimismo. A sua consideração impõem-se novos nomes, e, dos nomes que nascem, selecciona valores. Alguns dêles para esclarecimento do leitor: António Espina, curiosa personalidade de crítico, abordando com visão moderna e aguda sensibilidade problemas de interesse literário, artístico e social; Pedro Salinas, um enamorado do idioma, que cria inéditas expressões de consistente qualidade literária; Garcia Lorca, delicadíssimo poeta lírico, dando alento moderno às velhas formas populares; Melchor Fernandez Almagro, autor de notáveis estudos de investigação histórica e literária, assomando à critica teatral com a responsabilidade e o equilibrio duma vasta cultura; José Diaz Fernandez, forte temperamento de jornalista, que trabalha a crónica com a graça dum espírito moço e inquieto, e, quasi sempre, com a precisão dum consumado mestre; José Lopes Rubio, justicadíssima esperança de dramaturgo, que promete iniciar o saneamento que exige dum modo alarmante o actual panorama do teatro espanhol, todo êle a insistir sobre fórmulas estafadas, que raras vezes excedem as dimensões dum estreito localismo falto de interesse humano, ausente de valor dramático e totalmente destituído de bom gosto.

É este último que hoje presta o seu depoimento no nosso processo. Êle trás-nos a representação honrosa e galbada da nova geração, da geração em que a Espanha começa a pôr tódas as suas esperanças. A sua posição não é, como se verá, uma posição de irreverência. Modernista por lógico conceito e natural compreensão da fisionomia da sua época, não é dos que acodem a bombas para espatifar museus, nem dos que acometem, sem reflexão, contra os ídolos erigidos pelo afago público. Como exemplo fiel da mocidade do nosso tempo deve ser considerado, da mocidade que estuda e se orienta sobre bases definidas, que sabe para onde se dirige, o que quer e o que não quer, daquela mocidade para quem o desporto não é um simples tema literário, nem o sentimentalismo ingrediente que se regeite como tóxico nocivo e também por literatura. «La actualidade de una persona en un tiempo!...» Isso, precisamente. Se o tempo é de acção, se a acção trás consigo valores emotivos, se alguns dêstes são tão indomáveis que roçam por camadas sentimentais, porque regeitar a parte de sentimentalismo que o tempo nos oferece? Se até isso fôr necessário para justificar a «nossa actualidade», porque voltar costas àquelas características que efémeras teorias literárias, pouco vividas e pouco humanas, condenam num delírio de insensatez e *rastakerismo*, não de todo isento de impossibilidades criadoras?

Tudo isto vem para dizer que o nosso jôvem depoente de hoje é modernista por razão de ser e não por forma de vestir. E valha-nos uma vez mais a luminosa frase do português Almada. Prestemos, pois, atenção ao seu depoimento:

— No teatro espanhol de hoje, há crise ou não há crise?

— Sem dúvida. Do abalo geral de valores que a post-guerra trouxe consigo e que já vão repousando em tendências definidas e novas teorias, o Teatro Espanhol não participou. Assim, aquilo que no teatro francés, inglês e alemão constituiu uma simples mudança de valores — e não crise — entre nós redundou em crise. A prova é que a Espanha ainda hoje conserva as mesmas primeiras firmas de há trinta anos:

Benavente, os Quintero, Arniches, etc., coisa que, por exemplo, já não sucede com a novela. Desde a geração de 98 — Baroja, Unamuno e Valle — que a novela se foi renovando, não só com a sua própria evolução, mas com os novos elementos que lhe emprestaram as gerações seguintes: Ayala, Gabriel Miró e Ramón Gomez de la Serna. Ora o autor que no Teatro responde à geração de 98 é Benavente.

Recordemos as manifestações das ilustres personalidades anteriormente entrevistadas. O autor de *Señora Ama* que passa por ser, aos olhos do mundo, o maior dramaturgo da Espanha contemporânea — a concessão do prêmio Nobel não deve ser estranha este juízo — não gosa do mesmo prestígio, a julgar pelas declarações aqui expostas, no conceito dos seus compatriotas, que destinam êste galardão a outros nomes: Com *De la noche a la mañana* trouxe Lopez Rúbio, em estreita camaradagem e valiosa colaboração com Eduardo Ugarte, a amostrada duma «outra» sensibilidade aos palcos espanhóis. Esperar dêle uma cega admiração pelo teatro de Benavente — seria ilógico.

— Que D. Jacinto não é um autor nacional — prossegue o querido amigo e talentoso escritor — está fora de dúvida. Único autor de teatro da sua época, que sabe três idiomas e possui uma boa biblioteca com a representação completa do Teatro de Oscar Wilde, de Pinero e do Teatro Francês do Boulevard, o triunfo estava previsto. A-pesar disso, desde então até hoje, em que se esforça por trazer à Espanha as tendências do norte-americano O'Neill, as suas normas dramáticas não evoluíram. O seu teatro limita-se a ser uma salada branda condimentada com tódas estas influências e que assenta às mil maravilhas no estômago forte dum público burguês e anodino como o nosso. Superior aos seus contemporâneos espanhóis, tem um papel parecido ao de Moratin nos começos do século XIX. Como sabe, desde que a viuva de Filipe IV, Mariana de Austria, proíbe o teatro, a Espanha não volta a ter um teatro nacional. O próprio século XIX passa todo em claro — o sánete, pela sua limitação, não pode ser filiado adentro do grande Teatro Espanhol — não considerando, naturalmente, como teatro nacional a onda de teatro estrangeiro que neste século invadiu o meu país. É claro que a Benavente não se pode negar a importância histórica que realmente tem e um dos melhores serviços que êles nos prestou foi, quanto a mim, dar em terra com a celebridade de Echegaray, insuportável romântico, também agraciado com o prêmio Nobel, e que tem em Sardou o seu justo equivalente em França.

A juventude irrequieta e brilhante do moço dramaturgo não se desmente ao longo desta en-



Manuel Abril, dramaturgo da geração nova

trevista. Espírito claro, ampla inteligência e em posse duma invulgar cultura, êle tem a sua posição tomada. Sabe bem onde está e porque está e não o arreda o deslumbramento das consagrações. Quando investe contra elas, raciocina, documenta, apresenta provas. Se estas são discutíveis ou não, isso já não entra nas nossas atribuições e muito especialmente neste momento em que, para não roubar interesse ao processo, nos limitamos a ser reproductores fieis daquilo que ouvimos. Aqui, só se exige o cumprimento dum requisito: sinceridade! Preenchido êle — tudo é aceitável, digno de atenção e de respeito, e quanto mais nos disserem mais fácil e mais justa será a conclusão a que chegemos. E Lopez Rubio, para quem neste ponto, a importância da publicidade não vai além da que se dá às confidências de café, contrastando com a atitude de muitos outros que interpõem abismos entre uma coisa e outra, ajusta-se perfeitamente à condição requerida. Que siga, pois, e que Deus o conserve no mesmo estado de pureza e de louvável disposição:

— Autores verdadeiramente nacionais podem ser considerados Arniches e os Quintero. Fazem o teatro de costumes, vulgar e limitado, com certa habilidade, e são sobretudo nacionais porque recordam o sainete de Ramón de la Cruz e Ventura de la Vega.

— Linares Rivas?...

— Fiquemos por aqui. O nosso teatro actual não apresenta muitos mais nomes cuja citação mereça algum interesse. É lamentável, mas é assim.

— E o público?

— O público come o que lhe dão, porque desconhece as tendências e não está apto a avaliar a altura do teatro universal. Desde a aparição de Benavente que a Espanha perde o contacto com o mundo. Sofre um isolamento que tem tódas as aparências de coisa intencionada. Ibsen, Materlink, Bernard Shaw, D'Annunzio, Sudermann, Molnar, Strindberg ainda por cá não passaram, muito embora alguns dêles já estejam passados e esquecidos no resto do planeta. E era necessário que passassem e se conhecessem para que o nosso público andasse a par das características dominantes do teatro universal e fôsse acompanhando a sua evolução até aos nossos dias. Se não havia autores nacionais que soubessem interpretar e dar acento espanhol às correntes dramáticas que imperavam no mundo que lhe dessem o teatro estrangeiro. Também assim se fortifica o nacionalismo; dando-lhe injeções de cultura. Seria lógico e natural. Mas, como assim não se fez, o autor novel que hoje quer dar ao seu teatro um tom moderno, a compasso com as tendências europeias e com a época em que se vive, vê-se divorciado dum público que o não compreende, porque padece, sobre isto, um atraso de trinta anos. A êste respeito, a atitude da Espanha é a do janota provinciano que se julga esperto e não quer que o enganem. Veja a última Exposição futurista do Botânico. Em outro qualquer país, que não fôsse o meu, passaria despercebida como coisa já caduca e inferior. Aqui, teve foros de atrevimento insólito e inaudito. Mas ainda há mais. Não se lembra do que succedeu com Lenormand? Quando da estreia de *Les Ratés*, não julgou necessário um autor dramático — é inconcebível! — levantar um estrondoso viva a Benavente para manter incólume a dignidade nacional? Dito isto, está dito tudo.

— Mas a sua *De la noche a la mañana* não foi mal recebida.

— É certo. Porém, há meia dúzia de anos seria pateada. Deve-se isso, em grande parte, à acção dos criticos. Enrique de Mesa, o illustre escritor há pouco falecido, Canedo, Melchor Almagro, Luis Calvo, etc. têm conseguido, com a sua boa orientação, modificar um pouco o ambiente. Assim, as peças modernas, quando não trazem, como a minha, grandes complicações para um entendimento desprevenido, já vão sendo aceitas, embora com certas reservas.

— Considera então a crítica teatral...

— Mais independente e mais honesta do que a que se fazia aqui há uma dúzia de anos. Todavia, contra o que tódá a gente julga, ainda peca de benévola.

— Esperanças... Acredita na juventude do seu tempo?

— Absolutamente. Há nomes que nos garan-



Os irmãos Quintero, desenho de Bagaria

tem de sobra o respeito pelo que ainda temos de bom e que se melhorará as deficiências que padecemos.

— Por exemplo?

— Muitos. Na poesia, Garcia Lorca, Salinas, Guillen, Alberti, Espina, etc.; na novela, Benjamin Jarnés, Diaz Fernandez, Valentin Andrés Alvarez; no ensaio, Marichalar, Bergamin, Melchor Almagro; e muitas possibilidades de teatro novo em Manuel Abril, no citado Garcia Lorca, em Claudio de la Torre, Sanchez Mejias e Sota. Estes últimos, reagindo contra aquelas normas entumecidas de jogos de palavras e idéas, hoje completamente repelidas, têm peças que são verdadeiros modelos do que deve ser o teatro moderno: reacção perante as situações, simplicidade de processo, e, sobretudo, o

ataque de frente, cara a cara, a tódas as dificuldades que surjam.

— Quais as medidas que julga necessárias para a aceitação colectiva d'êste género?

— Criar em Espanha um teatro livre — Lenine deu-nos um magnífico exemplo — com actores profissionais e aberto ao público. Reformar por completo todos os elementos do teatro, desde o cenário à instalação da luz. Que surja, antes de tudo, um director artistico, porque aqui chama-se director a um sujeito ligado à Empresa, à actriz preferida ou ao autor da casa. Em Espanha nunca se veste uma obra: veste-se sempre a primeira actriz. E, quanto ao autor, raras vezes se desinteressa dos lucros da empresa, para quem o negócio de teatro — exclusiva differença entre o Deve e o Haver — não tem a menor relação com o seu aspecto artistico, que, longe de o prejudicar, só o beneficiaria. Contudo, devo fazer uma excepção a favor de Martinez Sierra, que, como director artistico, tem feito grandes esforços para a renovação do ambiente dos nossos palcos. Graças a êle, já hoje sabemos que a Espanha pode contar com scenógrafos de primeira ordem, tais como, Mignoni, Bartolozzi, Poutanals e Burmman, a quem se devem excelentes exhibições scenográficas que tão outras tantas provas do seu talento, do seu bom gosto e da sua orientação moderna.

E Lopez Rubio põe um ponto final nas suas curiosas e desempoeiradas manifestações com estas palavras repletas de compreensão e bom tino, que devem ser ponderadas e aceites como qualquer coisa que nos toca muito de perto:

— Já que hoje todos nós estamos sacrificados a estas três décadas de inacção e passividade, preparemos as gerações seguintes, que não podem, como nós, ver voar os aeroplanos inesteticamente sentados num carro de praça. Se não houver, nas provisões nacionais, recursos capazes para acometer a empresa — acudamos ao teatro estrangeiro. Adoptar outra conduta, seria dar asas a um conceito de falso patriotismo, que depende muito menos da pátria que queremos servir do que da engrenagem comercial daqueles que, para se servirem a si, proclamam que é assim que melhor a pátria se serve.

NOVAIS TEIXEIRA.



Carlos Arniches, o mestre do teatro alegre de Espanha

OUVINDO O MAESTRO

FRANCISCO DE LACERDA

A REPRESENTAÇÃO MUSICAL PORTUGUESA
NA EXPOSIÇÃO DE SEVILHA — OS SEUS PRO-
JECTOS PARA A PROXIMA EPOCA — TRABA-
LHOS QUE PREPARA — O ACTUAL MO-
MENTO MUSICAL PORTUGUÊS



O maestro Francisco de Lacerda.
(Retrato de Paris)

Quando nos anunciaram a Francisco de Lacerda e lhe disseram o fim da nossa visita, o Artista veio ao nosso encontro, de mãos estendidas, com um grande sorriso acolhedor, por trás do qual pressentimos uma certa amargura, dizendo:

— Como foi possível lembrar-se de mim?!
— Desde que em Portugal se fale de música, o nome do maestro impõe-se...

— Olhe que se engana... Ninguém já de mim se lembra; estou quasi completamente esquecido no meu país...

— Embora V. Ex.^a não tenha encontrado o ambiente a que tem direito, parece-nos que exagera...

— Não, não exagero. Por experiência própria, infelizmente, sei quanto é difficil em Portugal fazer arte no seu sentido mais elevado e puro. Não há difficuldades, entaves, mesquinhas que nos não antepõemham...

«Não desconheço o provérbio *ninguém é profeta na sua terra...*, mas isso não me consola da falta de estímulo e de ambiente para

qualquer iniciativa. E a minha grande ambição era educar, ser útil à minha pátria em tudo o que estivesse ao meu alcance...

Francisco de Lacerda calou-se, deixando-



D. Arminda Nunes Correia

—nos a impressão de que nos não dissera tudo o que tinha a desabafar.

— Sabemos que o maestro foi encarregado de organizar a nossa representação musical na Exposição de Sevilha...

— Assim é, respondeu-nos, e dentro dos limitados recursos de que dispunha, julgo ter feito alguma coisa de bom graças ao talento dos meus colaboradores...

«Os concêrto ali realizados pela Banda da Guarda Nacional Republicana tiveram um êxito extraordinário, como pode ver...

E o maestro mostrou-nos as críticas de alguns jornais de Sevilha, unanimes em seu louvor.

De *El Liberal* recortamos êste período bem significativo:

«A los ruidosos exitos, tantos como conciertos dados por la formidable banda de la Guardia Nacional Republicana, digna de figurar en la sala más exigente de Paris, Londres ó Berlin, hay que agregar la jornada triunfal de ayer en el elegante teatro de la Exposición, bajo la segura y enérgica batuta del eminente maestro Fernandes Fão, que realiza concienzuda y artistica labor al frente de la magnífica agrupación, gala orgullo y una de las más legítimas glorias portuguesas.»

Quando acabamos de ler, o nosso illustre entrevistado continuou:

— Além disso, não só os dois concêrto realizados no magnífico teatro da Exposição pela Orquestra Sinfónica Portuguesa, sob a direcção de Pedro de Freitas Branco, sendo o primeiro de música portuguesa e o segundo oferecido à Espanha, de composições espanholas, deixaram uma impressão magnífica; como ainda o concêrto de música de câmara dado no Pavilhão de Portugal com a colaboração de Viana da Mota, D. Marina Dewander Gabriel, D. Arminda Correia, Oscar da Silva, Luís Barbosa, Paulo Manso, Fernando Costa e eu, nos não deixaria ficar mal em qualquer parte do mundo.

— E a sua conferência sobre a Canção Portuguesa, como foi recebida, maestro?

— Graças à voz maravilhosa das minhas admiráveis colaboradoras D. Arminda Correia e D. Marina Dewander Gabriel, consti-



D. Marina Dewander Gabriel

tuiu um êxito excepcional. Imagine o senhor que foram cantadas quarenta e cinco canções portuguesas, e o público escolhidíssimo que assistia à conferência, pelo calor dos seus aplausos e insistentes pedidos para que se repetissem alguns números, parecia não estar ainda satisfeito.

«Fui convidado pelo Alcalde-Mayor para a repetir no Palácio do Ayuntamiento, tendo recebido igual convite para Barcelona.

— E tenciona aceitar?

— Bem o desejaria. Não sei, porém, se me será possível...

— Vem, então, satisfeito, não é verdade?

— Não podia ser de outro modo: o desejo de nos serem agradáveis, desde o Alcalde ao último servente; o carinho de que nos rodearam, não deixa lugar senão para sentimentos gratos ao nosos espírito...

— ...Quer dizer-nos quais os seus projectos para a próxima temporada de inverno?

— Com muito prazer. Fui convidado para dar concertos em Marselha, Lião, Paris, Genebra, Estrasburgo, etc.

«Só para Lisboa não recebi qualquer convite... e, no entanto, aqui é que eu desejava poder exercer a minha actividade...

«Comprende, o melhor de nós mesmos desejamos oferecê-lo à nossa pátria, concluiu com tristeza Francisco de Lacerda.

— Sob que aspectos desejaria o maestro oferecer-nos o real presente do seu talento?

— Os mais diversos. Desejaria reger orquestras, coros, dar concertos, ter uma escola de rítmica e estética musical, como já tive, e, numa palavra, ensinar o que sei aos novos no Conservatório...

Na verdade, nós preguntamos a quem de

direito, porque não há-de Francisco de Lacerda que já foi professor do liceu de Marselha e da *Schola Cantorum* de Paris, ao lado de Vincent de Indy, ser professor do Conservatório de Lisboa?

— E como compositor, maestro, quais são os seus últimos trabalhos?

— Tenho um Cancioneiro do povo e para o povo, intitulado *Trovas*. Sôbre este cancionero devo ao grande poeta Afonso Lopes Vieira estas palavras generosas que profundamente me sensibilizaram: — «O artista recebeu e reflectiu na sua alma, desenvolvendo-a em linguagem musical, a emoção do Portugal rítmico, e exprimiu neste *ensaio de música portuguesa* o encanto indefinido dessa espécie de vaga e melancólica neblina que envolve no puro Portugal, as almas e as coisas».

«Também recolhi e harmonizei, com a maior devoção, um album de canções populares, parte das quais, dada a recente invasão de grafonolas, corriam o perigo de se perder.

— Aos leitores da *Ilustração* interessava, decerto, saber o que pensa V. Ex.^a das possibilidades duma arte musical portuguesa.

— Só hoje se faz sentir, ainda que bastante indeciso, um anseio de renascimento artístico musical nacionalista, em algumas tentativas inteligentes.

«Cito-lhe alguns nomes cheios de qualidades: Rui Coelho, prejudicado talvez por um exotismo demasiado, e pela excessiva pressa de colher os frutos do seu indiscutível talento; Luis e Pedro de Freitas Branco, sendo o último talvez mais profundamente músico que o primeiro, ainda que este, pela sua cultura e pelo seu real valor, esteja num plano em nada inferior ao de seu irmão. Quero ainda lembrar o malogrado Lima Frago, de quem tanto havia a esperar. Consta-me, também, que há actualmente no Conservatório um grupo de rapazes de valor.

— Vejo com prazer que o maestro se confessa optimista sôbre o futuro que espera a música portuguesa...

Francisco de Lacerda demora um pouco a resposta à pergunta que a nossa afirmação envolvia e, após um instante de concentração, decide-se:

— Sim... sem dúvida... Optimista... Pena tenho eu de já não ser novo, porque sinto mais entusiasmo que nunca pelas coisas de Portugal. Assim me seja permitido transformar em realidade o anseio que experimento...

Quisemos saber o que pensava o Mestre sôbre a ópera portuguesa e obtivemos a seguinte resposta:

— À parte uma ou outra tentativa interessante e digna de simpatia, infelizmente, pode dizer-se que a ópera portuguesa não existe...



O maestro Francisco de Lacerda e as suas discípulas e cooperadoras pousando expressamente para «Ilustração»

(Foto Raúl Reis)

AMÉRICO DURÃO.

PARIS MONUMENTAL

Cidade criadora, virgem de sugestões alheias, multiplicando as suas belezas com a espontaneidade do génio individual, com a perseverança duma doirada formiga messiânica... Diamante *sui generis*, límpido e luminoso, insusceptível de dissolução como o carbone puro... Ser material formado, engrandecido, espiritualizado pelo requinte intelectual de sucessivas gerações e com o poder atractivo e inspirador das religiões mais expandidas...

Amalgama transparente de preciosidades repartidas por ruas, praças e *squares* característicos, todos com braço estético inconfundível e glorioso... Museu imenso, disperso generosa-

ção, como um turista apressado, à perspectiva das ruas, ao recorte urbano, à composição arquitectónica, aos aspectos monumentais. Parece, à primeira vista, um labor fácil, uma frivolidade, uma distração própria de ociosos. Todavia, quantos dias, quantas semanas serão necessários a uma pessoa culta, dotada de senso estético, para contemplar, para analisar e apreender a intenção e o equilíbrio das mil facetas do Paris monumental?

A obra existente não é o produto da superioridade intelectual, do *raffinement* de sensibilidade de uma geração privilegiada. Não marca uma época de ouro, de civilização intensa, se-



Estátua de S. Luís na Basílica do Sacré-Coeur



Praça do Carroussel com a sua sumptuosa perspectiva

mente por todos os lugares, palpável, livre de grilhetas vitrinárias, plasticizando as retinas, suavizando as almas, excitando a alegria de viver... Cidade laboriosa onde o homem tressua para auferir o pão, em concorrência contínua com os mais destros e os mais fortes, mas onde a beleza e a vivacidade do ambiente lhe fazem esquecer as privações e as cansaças quotidianas...

Ama-se Paris intensamente, admirativamente, como se ama um corpo perfeito de mulher, uma sinfonia de Beethoven ou a coragem indômita de um herói. Tudo o que é belo e raro, tudo o que contrasta esplendidamente com a nossa mediocridade e a nossa pequenés, nos impressiona ao vivo, porque tem o aspecto deslumbrante dos milagres e nada impressiona tanto o comum dos mortais como o imprevisível das aparições excelsas, como a quebra da monotonia.

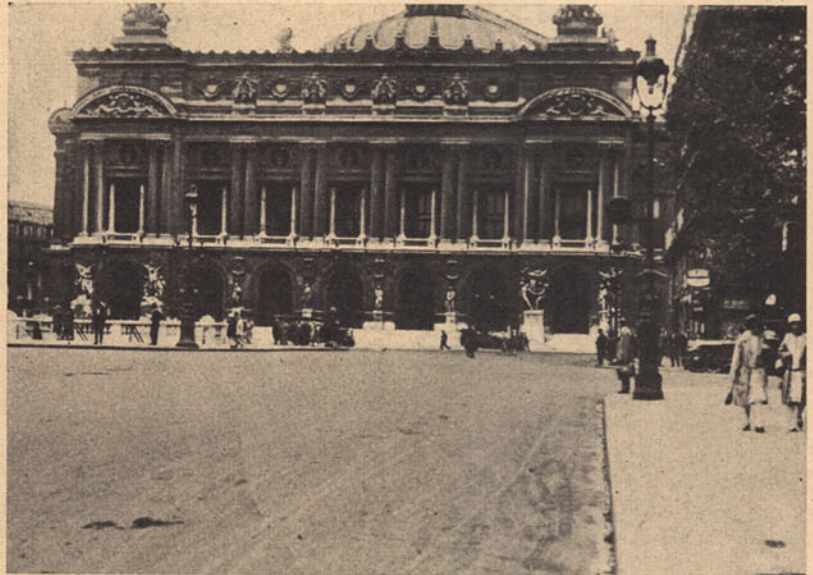
Esqueçamos os sucessivos filmes, pitorescos e movimentados, coloridos e excêntricos, que a azafama histórica da cidade faz passar ininterruptamente diante dos nossos olhos — gente de todas as raças, trajos de todas as cores, a gama completa e alucinante das expressões fisionómicas humanas, a multiplicidade das atitudes individuais originária de mil quadros plásticos harmoniosos e fortes. Esqueçamos a *feerie* dos estabelecimentos, com os seus malabarismos luminosos, com a *jonglerie* decorativa dos seus mil artigos de luxo, com o seu mostruário superfino de caixeiros sedutoras, às quais o próprio Ulisses não saberia resistir. Esqueçamos o *flux* dos teatros, das exposições, dos acontecimentos literários e artísticos, o programa emocionante, renovado todos os dias, da incansável actividade parisiense.

Esqueçamos quasi tudo quanto forma o perfume, a atmosfera, a elegância, a radiação, o encanto desta cidade mágica onde o maravilhoso surge de repente, a todos os instantes, como nos contos de fadas. Limitemos a nossa obser-

guida de incuráveis desfalecimentos — fenómeno frequente na vida das nações. E, pelo contrário, a resultante das tendências constructivas, do espírito de continuidade, das preocupações inatas de harmonia de sucessivas gerações. Nos países rotineiros e cansados, como o nosso querido Portugal, as *élites* intelectuais são escassas

e impotentes. Todas as tentativas de renovação, de aperfeiçoamento, de completação do que lhes legou o passado no domínio espiritual, são sistematicamente contrariadas pela força avassaladora de uma maioria iletrada, incapaz de raciocinar. Em França, na sua capital, sucede, succede sempre exactamente o contrário.

Todos os reis de França, desde S. Luís até o senhor do mundo — o incomparável Napoleão — se empenharam em transformar a pequena Lutecia do tempo de César na cidade fulgurante, inconfundível, grandiosa, que já era Paris quando foi proclamada a primeira república. E depois da capitulação de Sedan, que produziu a terceira república e consolidou a democracia ideada pelos enciclopedistas, o exercício da soberania do povo, por intermédio das edilidades e dos parlamentos, não serviu senão a engrandecer, a apurar, a completar o que a monarquia autoritária tinha edificado. A jóia única, pela magnificência e pela estilização coerente, que é o Paris actual, não é, por conseguinte, o produto exclusivo da concepção de um escol de artistas, animados em épocas sucessivas por um ideal estético imutável. É uma obra colectiva,



Edifício da Grande Ópera de Paris



A célebre coluna Vendôme

realizada com um alto pensamento patriótico, na qual colaboraram fraternalmente arquitetos, engenheiros, escultores, artifices e todo o povo de uma cidade exemplar, orgulhosa da sua singularidade.

Se Berlim é a cidade do mundo onde mais impera a rude linha recta, Paris é, pelo contrário, a cidade mais inteligentemente sinuosa que

eu conheço. Essa sinuosidade, alterada unicamente na linha forçada dos cais ao longo do Sena, nos Campos Elíseos e nos grandes *boulevards*, dá origem a multiplíces, a constantes perspectivas, a panoramas divergentes e pitorescos, que se fixam na retina como as *nuances* e as características das mil paisagens graciosas ou selváticas que observámos no decorrer da vida. A monotonia, a exactidão fotográfica, o alinhamento sistemático, a obsessão longitudinal, a mania da regularidade metronómica, foram excluídas sempre, tanto quanto possível, das concepções dos homens a quem tem sido entregue a tarefa de amplificar e aformosar a *ville lumière*.

A mais longa artéria rectilínea de Paris — os célebres Campos Elíseos — ascendendo suavemente até à Praça da Étoile, não podia ser rasgada doutra forma, dada a necessidade de estabelecer um canal de ar puro até o centro sobrepovoado da cidade. Abre-a o pujante grupo escultórico de Constou — *Os cavalos de Marly* e encima-a, empolgantemente, a obra-prima de Chalgrin — o grandioso Arco de Triunfo que Napoleão visionou, como pálio de honra, para o desfile dos seus exércitos. Bastava o traçado dessa avenida e o equilíbrio arquitectónico dos edifícios que a ladeiam para consagrar a alta concepção artística dos urbanistas franceses. O Arco do Triunfo, com os seus 50 metros de altura e os seus 45 de largura, com as suas admiráveis decorações cinzeladas por Cortot, Rude e Pradier, é o mais perfeito remate monumental que o génio de um homem podia criar em semelhante ambiente.

A rua do Rivoli, que acompanha o maravilhoso jardim das Tuileries, desenhado por Le Nôtre, o feiteiro imaginador do Parque de Versailles, é também uma linha recta paralela ao Sena. Todos os edifícios que a orlam, à esquerda, em face ao jardim, assentes sobre uma série de arcadas vistosas, correspondem a grandes varandas largas, das quais se enxerga livremente um dos mais deslumbrantes panoramas de Paris. Essa rua, uma das mais luminosas e esbeltas que eu tenho percorrido nas minhas peregrinações pelo mundo, rompe, como uma estridente marcha triunfal, da Praça da Con-



Uma das quimeras de Notre-Dame

córdia. E está praça imensa que foi, durante a revolução francesa, o estrado sangrento de tantas execuções capitais, é hoje circundada e balizada pelos seus belos monumentos, atravessada em tódas as direcções pelas setas vertiginosas de mil veículos constantemente revezados, um recinto incomparável pela harmonia e grandiosidade do seu *décor*. O obelisco de Louqsor, engastado ao centro da praça, e as duas fontes monumentais que o ladeiam como a



O Arco de Triunfo da Estréla sob o qual repousa o Soldado Desconhecido

guarda de honra de um estandarte glorioso, parecem a ampliação em mármore e bronze, das peças capitais duma baixela principesca, burilada pelos dedos mágicos de Benvenuto Cellini.

A avenida da Ópera, focada arquitectónicamente pelo altivo e magnífico edifício que lhe deu o nome, é interrompida, na altura em que a sua direita se avizinha do excessivo, pelos frisos ornamentais constituídos pelo casario da praça do Teatro Francês. E esse teatro, excrecência do velho Palais-Royal e uma das raras manchas de mau gosto deste Paris tão elegante, tem, num dos seus ângulos, a desviar-nos a vista da sua frontaria anódina, o expressivo monumento a Alfred de Musset, o gracioso e sentimental poeta francês, tão amado das mulheres como o romântico Chopin. Assim, mesmo quando a disformidade de um edifício histórico vicia e desfigura a estética de um lugar, os architectos municipais descobrem a maneira de interessar, pela saliência de um derivativo ornamental, a atenção do transeunte.

A Place Vendôme suspende, no centro comercial da cidade, cortado por uma série de ruas uniformes e incaracterísticas (com excepção da rua de Castiglione), a monotonia forçada de um bairro onde pululam os estabelecimentos enraizados, impedindo a sua renovação e o seu apuramento arquitectónico. A famosa coluna, com perto de 50 metros de altura, revestida inteiramente pelo bronze de 1.200 canhões tomados ao inimigo pelo exército napoleónico, não é, sob o ponto de vista artístico, uma coisa digna de firme aprêço. Mas a praça circular, rodeada por edifícios imponentes, de linhas sóbrias, correspondentes à grandiosidade esmagadora do monumento que lhe serve de centro, evoca impressionantemente as lutas e as glórias do exército leonino que o génio de Napoleão conduziu da Rússia até o Egito, antes da catástrofe de Waterloo.

Todo o bairro latino (com excepção do boulevard S. Michel, artéria larga escoadora da multidão que moirreja nas cercanias), como, de resto, todo o labirinto de ruas confinando com a Cité — onde nasceu a cidade primitiva — até a ponte das Artes, onde se eleva o palácio Mazarin, é um enxame de ruínas típicas, ornadas de construções vetustas, de lojas caóticas ajuchadas de antiguidades, que imprimem na retina



O monumento a Alfredo de Musset

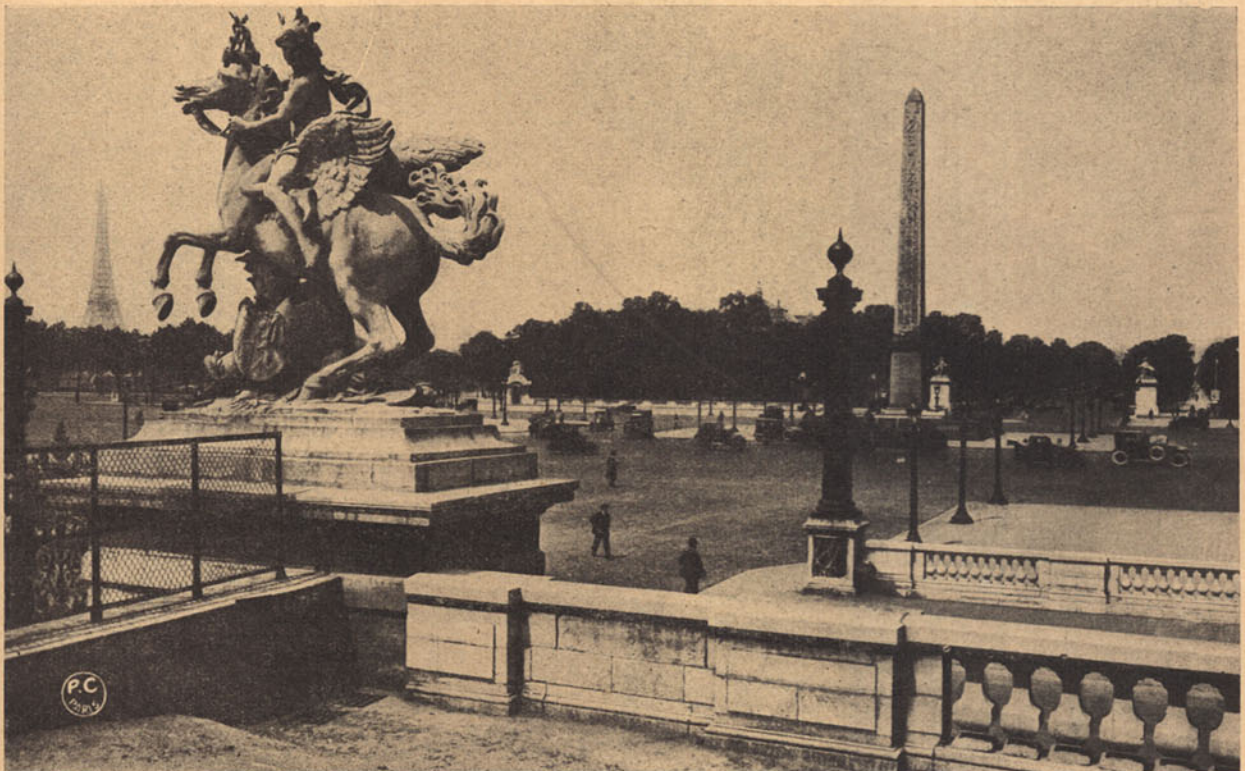
do transeunte curioso uma amostra em relêvo da fisionomia do velho Paris. Af se toparam alguns dos mais majestosos edifícios públicos — a Sorbonne, o Instituto, o Liceu Louis-le-Grand, etc., etc. Em face ao encantador jardim do Luxemburgo, ao cimo da antiga montanha Santa Genoveva, pausa, como uma águia gigantesca no vértice de altas penedias, o protótipo do estilo néo-grego que é o Panteão, com a sua cúpula maravilhosa fechada a 80 metros do solo. A pequena distância, na álea do Obser-

vatório, encimando as duas filas de árvores hieráticas que ali se encontram firmes como soldados em parada, ostenta-se uma das mais formosas obras de Carpeaux — *A fonte das quatro partes do mundo*.

Na Cité, a parte mais antiga de Paris, ergue-se a catedral de Notre-Dame por cujas frinchas e nervuras Quasimodo, o personagem criado por Vítor Hugo, arrastou o seu corpo disforme e a sua alma delicada. Notre-Dame, com as suas torres solênes, a sua rosácea filigranada, o seu pórtico esculpido com a minúcia de uma miniatura e, em conjunto, toda a sua riqueza ornamental, é, inquestionavelmente, um dos mais perfeitos exemplares da arquitectura gótica dispersos pela Europa. As restaurações realizadas por Viollet-le-Duc não lhe diminuíram a grandiosidade nem lhe deformaram o carácter. Ninguém dirá, ao examinar esse espécime extraordinário da chamada arte gótica, com a sua rede de ogivas, flores, estatuetas e capitéis, que nesse lugar esteve erecta uma catedral merovingiana e, antes dela, um templo pagão. Notre-Dame, colossal relicário onde dorme toda a história de Paris, (na frase feliz de Maurice de Waleffe), é, para os turistas amadores das belas-artistas, a *great attraction*, um monumento único, digno da visita de peregrinos desempoceirados.

Não é possível, num improvisado artigo de revista, dar uma ideia, mesmo esboçada, do valor e da diversidade do Paris monumental. Idêntica afirmativa se pode fazer, sem desrespeito pela verdade, a propósito dos múltiplos e curiosos aspectos da sua urbanização modelar. Estas notas sem seqüência, as expressões admirativas que eu deixo consignadas nestas páginas, brotam-me espontaneamente da memória e da emoção. E todo o meu desejo, correspondente a um sonho doirado, é que a minha amada Lisboa, onde jazem desaparecidas, abandonadas, tantas maravilhas arquitectónicas, onde se multiplicam os recantos pitorescos — a minha amada Lisboa, pejadinha de sol, beijada, dia a dia, pelo clima mais doce do mundo, se transforme com o decorrer do tempo, pela vontade e pela inteligência dos seus homens bons, numa encantadora miniatura de Paris.

VÍTOR FALCÃO.



Uma vista pouco banal da Praça da Concórdia com o seu obelisco egípcio

ALEXANDRE DUMAS

O palhaço do amor

POR
ANTHONY
PRAGA

Um dos muitos crêdores de Alexandre Dumas, cansado já de o procurar em casa para que o escritor lhe pagasse uma dívida qualquer, deliberou duma das vezes levar um abutre empalhado que pertencia à colecção de história natural do romancista, deixando em troca da ave um recibo na importância de quinze francos, por conta do que lhe era devido. Este episódio, só por si, dá-nos com bastante exactidão a nota característica da existência fantasista e extraordinária do grande mestre do romance, que foi o mais fabuloso de todos os romancistas do Romantismo.

Na vida de Chopin, como na de George Sand e na de Vigny houve lágrimas, muitas lágrimas

mesmo; a vida de Alexandre Dumas decorreu numa permanente atmosfera de comédia, animada sempre pelo eco das gargalhadas.

Ele foi, até certo ponto, considerando-o prin-

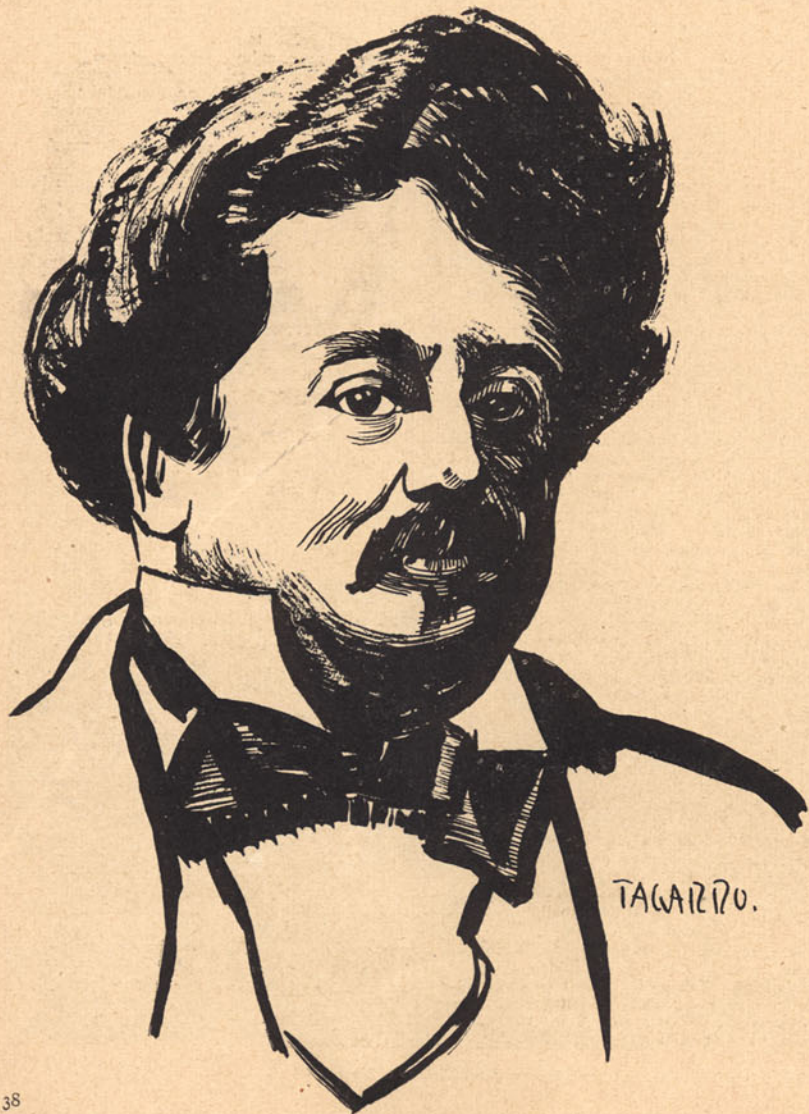
cipalmente sob o aspecto amoroso, o palhaço do grande melodrama romântico, uma espécie de clown, vivendo numa auréola de glória, rodeado por um círculo de mulheres, e arrastando atrás de si uma chusma de parasitas, que o exploravam dando-lhe ao mesmo tempo o orgulho de sustentar tódas aquelas existências.

Alexandre Dumas, ou melhor, Alexandre Davy, marquês de La Pailletterie, nasceu a 24 de Julho de 1802 (no mesmo ano em que Vitor Hugo) em Villers-Cotterets, não longe de Paris. Era filho dum general ilustre, a quem Napoleão apelidara de «novo Horácio Coeles», e que se distinguira não só pelas suas proesas guerreiras, mas ainda pela sua origem mestiça, pois tinha nascido nas colónias: no rosto amuladado do filho encontravam-se ainda os vestígios da sua ascendência exótica.

Quando o general morreu, o pequeno Alexandre não completara ainda quatro anos; a viúva, sem recursos, mal ponde proporcionar ao filho uma educação mediocre, infundindo-lhe principalmente o amor da leitura. Ele devorava todos os livros que apanhava à mão, evidenciando uma decidida preferência pelos livros de mitologia. Sabia-a tóda de cor, e não havia fauno, semi-Deus ou deusa que lhe fôsem desconhecidos. Nada como a mitologia para despertar os instintos amorosos dum adolescente; e assim tratou logo de pôr à prova os seus conhecimentos quando, de regresso a casa do seu tutor, foi encontrar ali uma sobrinha dêste, chamada Laura, habituada já às mundanidades de Paris, elegante e graciosa a quem fazia companhia uma amiga espanhola, Vitória, de nome, pálida e de longas tranças negras.

Tinham encarregado Alexandre de acompanhar nos seus passeios as duas jôvens amigas; e êle tratou de remediar a exiguidade do seu guarda-roupa, utilizando-se do traje, já abandonado, que lhe servira para a primeira comunhão: uma casaca azul de botões dourados e uns calções de nankim. Tudo isto lhe estava já um pouco apertado, mas, enfim, com um pouco de sorte e de cautela, poder-se hia aproveitar sem desastre. Suceder, porém, que logo no primeiro passeio encontraram um mancho, elegantemente vestido, que Alexandre lhes apresentou como sendo um dos empregados da Assistência Pública. Laura entusiasmou-se com o vestuário esmerado e correcto do rapaz, afirmando que uma tal perfeição de corte era com certeza obra dum alfaiate de Paris. Este remoque assim lançado à indumentária de Alexandre era o mesmo que deitar azeite numa fôrnelha porque Dumas era ciumento e tinha suas pretensões a fazer figura.

Resolveu-se então a jogar as últimas. Levou as duas jôvens para o pé dum largo fosso, garantindo-lhes que era capaz de o saltar dum pulo, sem notar sequer o desagradado cortês e trocista ao mesmo tempo, das duas raparigas a quem não impressionava muito êste processo primitivo de lhes fazer a côrte. Alexandre preparou-se, tomou balanço e saltou com presteza e agilidade o barranco, mas os calções de nankim já esticados segundo a moda do tempo



e, para mais, apertados, atraíram-no: o esforço requerido estava acima da sua resistência e o tecido cedeu e rasgou-se. O herói fugiu como um perdido deixando as suas companheiras sufocadas de riso. Uma hora depois foi encontrar Laura em sua casa a dançar com o funcionário da Assistência, enquanto a êle lhe proporcionavam uma recepção de gargalhada que o deixou absolutamente corrido.

Teve uma paixão fugitiva por Adelia Dalvin e, logo a seguir relacionou-se com Maria Catarina Labay, que foi uma das suas ligações de mais importância: dela nasceu Alexandre Dumas filho.

Maria Labay era uma jovem e simpática modista, vivendo numa razoável mediania e tendo mesmo algumas costureiras a trabalhar por sua conta. Habitava no mesmo prédio que Alexandre, o qual, graças já a alguns pequenos sucessos literários, grangeara a simpatia do duque de Orleans que o recebera ao seu serviço.

Dumas contava então 22 anos. Tinha assente já a fórmula de todas as suas ambições; queria tornar-se um romancista, brilhar, ser conhecido, mas o pequeno emprego que alcançara do duque dava-lhe apenas os meios para viver na expectativa dum melhor futuro. O sangue mulato que lhe girava nas veias emprestava-lhe muito de fantasia e exuberância. Desejava ardentemente a glória, queria fazer ruído em volta de si e, o que é mais, não tinha quem lhe condicionasse os loucos impulsos do seu temperamento... achava-se só.

A mulher que neste momento entrasse na sua vida devia marcar bem a sua influência e deixar nitidamente vinculados os sinais da sua acção naquele espírito rico e desordenado; Maria era bonita, complacente e agradou-se de Alexandre. Amaram-se e do seu amor nasceu aquele filho, que o pai mais tarde perfiou, e que estava destinado a ser também uma figura brilhante das letras francesas, o autor célebre da «Dama das Camélias».

O nascimento daquele filho era para Alexandre Dumas uma embaraçosa responsabilidade, tanto mais que estava habituado a uma vida descuidosa e isenta de encargos morais que lhe surgiam agora de súbito com aquela quasi inesperada paternidade.

Os dois amantes viveram ainda juntos durante bastante tempo; mais tarde separaram-se não sem que essa separação trouxesse alguns dissabores a Dumas: sobrevieram com ela azedas discussões interesseiras por parte de Maria, terminando por um processo judicial para a conservação do filho, processo que foi ganho por Alexandre. Este preocupou-se sempre com a sua educação, fazendo por êle tudo quanto ponde e chamando-lhe mesmo «a sua melhor obra».

Entretanto Dumas trabalhava com afan e a sua peça «Henrique III», representada em 1829 no Teatro Francês lançou-o subitamente da obscuridade quasi completa em que até então vivera, nas culminâncias do sucesso. Ganhou

então dinheiro, muito dinheiro, e o seu nome andava em todas as bocas. Era o triunfo.

Mas a sua carreira literária e política, a sua produção fantástica, para a qual êle tinha diversos colaboradores, embora fosse quasi sempre êle só quem assinasse, o que fazia com que os seus detractores chamassem aos trabalhos que



quasi ininterruptamente publicava, produtos da «Sociedade Alexandre Dumas & C.ª», não devem fazer-nos perder de vista o indivíduo descuidado, sempre apaixonado, mas pouco sentimental, o autor magnificente de «Monte Cristo», vivendo como um califa das «Mil e uma noites» na sua vila Monte-Cristo onde êle pontificava num trono, rodeado dumha nuvem de indivíduos parasitários, de actrizes e de mulheres do povo.

Antes de lá chegarmos, porém, falemos de algumas das suas mulheres, de Melania, de Maria Dorval e principalmente do seu casamento que foi originado por circunstâncias dum cômico inexcusable.

Melania era uma actriz e a sua ligação com Alexandre Dumas foi de maior duração que qualquer das outras que a haviam precedido; dessas relações ficou ao romancista uma filha, Maria Alexandre, que mais tarde adquiriu um certo renome como escritora e romancista, apesar do que já hoje está completamente esquecida.

A seguir a Melania encontramos na longa galeria amorosa de Alexandre Dumas uma outra actriz, Maria Dorval, que, se o encontrava na rua, corria atrás dêle a pedir-lhe beijos e que, na ausência do marido, (pois era casada) instalou o escritor na sua própria casa...

Temos depois Ida Fortier, actriz ainda como as precedentes, com quem êle viveu algum tempo, mas que o levou a cometer uma gaffe: Dumas apresentou a amante num baile dado pelo duque de Orleans que lhe disse *in continenti* não poder admitir que êle lhe apresentasse uma mulher com quem tivesse relações a menos que ela fosse sua noiva ou sua mulher.

Na perspectiva de se ver caído das boas graças do seu Mecenas, Dumas não achou outra solução se não casar-se com Ida, mas os bons tempos dos dois amantes tinham passado já. Até então tudo marchara às mil maravilhas, mas com o casamento vieram as incompatibilidades e, dentro em breve, separaram-se.

Foi então que a vila Monte-Cristo se tornou numa espécie de harem ou de viveiro de mulheres, depois de várias outras aventuras amorosas, algumas delas de tal escabrosidade e recheadas de tão estranhas peripécias que mais vale não lhe fazermos referência.

Esta parte da existência de Dumas põe bem em foco o seu carácter, o seu temperamento exuberante e a maneira de ser, especial, do seu talento: o seu *humour*, o seu espírito, a sua a sua faustosa prodigalidade, a sua extraordinária energia e potencial de trabalho, tudo isso se revela então.

A vila estava situada em Saint-Germain. A construção que tinha sido toda ela feita sob indicações minuciosas do seu proprietário, era uma completa fantasia oriental. Não faltavam os torreões, os minaretes arábicos, os lagos artificiais com cascatas, pontes, e até uma ilha. No interior um teatro em miniatura, um museu

de quadros e uma galeria de macacos, um aviário e, finalmente, o aposento mais sumptuosos, o gabinete de Dumas: uma espécie de kiosque, com o teto em abóbada azul celeste, salpicado de estrélas de ouro.

A nota dominante e característica desta residência original era uma permanente mas faustosa bancarrota. Havia tudo, menos dinheiro. Nunca se pagavam as contas dos fornecedores. Tudo quanto Dumas possuía tiravam-lho as mulheres. Só por artimanha se podia obter qualquer coisa de fora, a qual nunca mais era paga. Dumas acedia a tudo quanto lhe pedissem e sustentava quantos lhe aparecessem a pedir-lhe arrimo. Ocupava os pretendentes nos serviços mais fantásticos. Assim, mantinha ao seu serviço um homem encarregado de observar a temperatura uma vez ao dia.

Como as contas não se pagavam, faziam-se arreestos.

Os oficiais de diligências sucediam-se processionalmente, constituindo uma amargura constante para Dumas. Êste não podia vê-los. Uma vez foram-lhe pedir que subscrivesse para auxiliar o enterro dum visinho. Dumas deu quinze francos, mas ao saber que se tratava dum oficial de diligências, sacou precipitadamente da bolsa e tirando outros quinze francos disse aos que lhe pediam: «Tomem lá mais quinze francos e matem depressa outro».

Foi na vila Monte-Cristo que êle escreveu os «Três Mosqueteiros»; a sua nomeada tornara-se universal, mas uma vida como a que êle levava não podia durar, pois não haveria nunca dinheiro que chegasse. Dumas calculou, já próximo ao fim da sua vida, que, do seu labor haviam vivido mais de 2.000 pessoas, sem con-



tar as que viveram exclusivamente da sua minificência. E êle, que a tantos sustentara, chegou um momento em que se viu pobre: os fornecedores recusavam-lhe já todo o crédito e a vila Monte-Cristo sossobrou na torrente dos leilões.

A decadência de Dumas acentuava-se rapidamente. O crepúsculo dêsse homem, em cujas veias pulsava o sangue violento dos trópicos, foi breve como os crepúsculos das baixas latitudes. Envelheceu rodeado ainda dumha atmosfera de anos. A pobreza, a miséria autêntica e a doença encarniçaram-se contra êle. Perdera grande parte das suas maravilhosas faculdades, o seu génio extinguiu-se, e o corpo depresso começou a corromper-se também.

Seus filhos, Alexandre e Maria, cuidaram então do velho escritor. Levaram-no para Puy, junto de Dieppe, onde morreu em dezembro de 1870, em plena guerra franco-prussiana, o que fez que a sua morte passasse quasi despercebida.

Na sua vida de prodigalidade e de fantasia Dumas teve apenas uma única paixão: a de viver intensamente e de escrever. Conseguiu realizar os seus dois sonhos: se a sua obra é a dum Hercules, a sua vida não é menos extraordinária do que ela.

(Anglo-American N. S. Copyright)





Passatempo

OS GANCHOS INFERNAIS (Solução)

Dobram-se as duas peças de arame grosso, pela forma como está indicado na figura junta ao enunciado da paciência. Une-se d a c, e sobe-se, deslizando ao longo do lado e, até a peça a passar na peça b. É muito fácil, mas só depois de se saber efectuar.



Entre espanhóis:

— Eu cá tenho em Murcia umas propriedades tão grandes que se lhes não vê o fim.
— Eu então, as que tenho em Toledo são de tal extensão que se lhes não vê o principio!



BEM SIMPLES

— Porque é que as cegonhas se conservam num pé só?
— Não sei, desisto.
— Ora! porque se levantassem o outro caíam no chão.



— O senhor é que é o fotógrafo? — perguntou uma mãe de família, provinciana, de visita na cidade.
— Sim, minha senhora — respondeu o retratista.
— Tira os retratos às crianças?
— Sim, minha senhora.
— E quanto é o preço?
— Vinte mil réis uma dúzia.
— Bem, nesse caso — retorquiu ela desapontada — terei de cá voltar outra vez. Por enquanto só tenho onze.

O CISNE (Paciência)



Não é fácil reconhecer um cisne no animal extravagante que apresentamos aqui. Trata-se de restabelecê-lo na posição normal, que ele deve ocupar sobre a água, por meio de adequados recortes e de uma hábil reconstrução. Digamos, para sermos mais exactos, que recortando no interior da gravura duas figuras geométricas muito regulares e dispoñdo-as, em seguida, de certa maneira, chegar-se-há com facilidade relativa a reconstruir o cisne, tal como ele deve ser.



NEUTRAL

Raúl: — Suponho que já ouviste dizer que estou para casar com a Elisa?
Alfredo: — Já. Se é verdade, dou-te os parabéns. Se não é, dou-os à Elisa.

Estão cinco pessoas observando o jogo. Procurem-as que as encontrarão.



Ó MAIS PRÁTICO

Ela: — O médico mandou-me ir um mês para quaisquer terras, ou cá ou no estrangeiro; para onde achas que vá?
O marido: — Olha... vai consultar outro médico.



Um médico afamado e particularmente expedito em examinar os doentes e receitar-lhes, foi procurado por um tenente do exército a quem ele despachou num abrir e fechar de olhos. O doente, ao retirar-se, apertou-lhe efusivamente a mão e disse:
— É-me especialmente grato tê-lo conhecido, doutor, pois muita vez tenho ouvido meu pai, o coronel * * *, falar de V. Ex.ª.
— Que me diz! — exclamou o médico. É filho do meu velho amigo Diogo, que nunca mais vi desde a mocidade?
— Sou, sim.
— Ó meu caro — volveu o médico — deite essa maldita receita para o lume, sente-se aí e diga-me lá agora o que tem, de que se queixa.



A Guina, com nove anos, à vinda da escola, encontra no caminho sua mãe que lhe pergunta, de modo repreensivo:
— Porque vinhas tu ao lado daqueles rapazes todos, em vez de vires com aquelas meninas que além vêm mais atrás?
— Eu não vinha ao lado daqueles rapazes — responde a Guina depois de considerar um instante — eles é que vinham ao meu lado!



— O quê? — dizia um surdo ao sineiro do convento de Mafra, no alto da torre.
— Eu não disse nada: é o carrilhão que está tocando.



A' MULHER EXIGENTE...

ARTE DE A CONTENTAR!

O pó de arroz BENAMOR é, indiscutivelmente, o produto do seu genero que maior consumo tem actualmente em Portugal. A prodigiosa preferencia que lhe dá o publico feminino fala bem alto sobre a sua qualidade e é a prova evidente que a mulher moderna, a mulher que se sabe perfumar e sabe ser elegante, conhece já os bons produtos de beleza e sabe inteligentemente escolhê-los.

Pois, para corresponder a tão ostensiva frequencia lançou-se agora no mercado o

NOVO PÓ DE ARROZ BENAMOR

em elegantes caixas dum refinado modernismo (em tom lilaz) que se vendem aos mesmos preços de sempre:

QUADRADAS A 2\$50; REDONDAS A 6\$00!

Este pó de arroz, de qualidade rigorosamente igual ao da caixa do «Gato», vai perfumado com a deliciosa essencia

“LA VERBENA” DE NALLY

que só por si lhe dá uma adoravel distincão. Perfume novo numa embalagem linda!

Peça portanto, minha senhora, d'ora ávante, em todos os bons estabelecimentos o

PÓ DE ARROZ BENAMOR—CAIXA LILAZ

sendo bom notar que as antigas caixas com o gato, continuam a vender-se, como sempre, aos mesmos preços. A qualidade do produto é igual e igual o seu custo. Apenas difere na elegancia da caixa e no seu novo perfume, duma verdadeira seducção.

PEDIDOS Á SECÇÃO DE PERFUMARIA DA “EVA”
Largo Trindade Coelho, 10—LISBOA

CALORIFEROS DA VACUUM



Temperatura
da Primavera

*Os pés
frios*

Um Calorifero da VACUUM,
que além de oferecer toda a se-
gurança, liga bem com qual-
quer estilo de mobilia, é
uma agradável compa-
nhia para os dias de
frio. Não deita cheiro
algum, quando
funciona com

**PETROLEO
SUNFLOWER**

509



R. da Horta Séca, 17 — Telef T. 980 Rocio, 67 — Telef. T. 3075